

A MÃE TRINIDAD
DE LA SANTA MADRE IGLESIA
E A SUA OBRA DA IGREJA

*Redação e recopilación
dos textos da Mãe Trinidad
por Juan Fidel*



Editorial Eco de la Iglesia

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 22-8-2004

Título original: La Madre Trinidad de la Santa Madre Iglesia
y su Obra de la Iglesia

© 2004 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA

LA OBRA DE LA IGLESIA (A OBRA DA IGREJA)

ROMA - 00149	MADRID - 28006
Via Vigna due Torri, 90	C/. Velázquez, 88
Tel.: 06 551 46 44	Tel.: 91 435 41 45

www.laobradelaiglesia.org

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org

www.clerus.org (Santa Sé: Congregação para o Clero)

ISBN: 84-86724-62-7

Depósito legal: M. 38.357-2004



A Mãe Trinidad de la Santa Madre Iglesia, fotografada quando, espontaneamente, em companhia familiar, desfruta gozosamente com seus filhos (1975).

ÍNDICE

	<i>Pag.</i>
I. A OBRA DA IGREJA, ELEVADA A DIREITO PONTIFICIO	9
II. PERFIL ESPIRITUAL E HUMANO DA FUNDADORA DE A OBRA DA IGREJA	13
III. MAIS PERTO DA ORIGEM DA LUZ	37
Alinhavando «Retazos de un diario», «Vivencias del alma» e jóias de «La Iglesia y su misterio»	37
Um ano de transcendente significado	38
Repleta da sabedoria do Imenso	44
Palavra com o Verbo	46
Riqueza da Igreja	48
Igreja rasgada e de luto	50
Voz que proclama uma urgente renovação	56
O Eco da Igreja	58
O que pode sugerir uma simples mas direta manifestação... ..	61
Duas realidades paralelas que Deus pensou e quis convergentes	62
Eco de perene ressonância	63
Sob a sombra da cruz	66
Junto à Sé de Pedro	75
IV. A OBRA DA IGREJA	79
Por força de uma petição	79
O viver íntimo dos membros de A Obra da Igreja	86
Membros de uma mesma Obra	90
Reflexos do Infinito Lar	93

	<i>Pag.</i>
Unidos numa mesma missão	102
A atração de uma chamada	105
Escola de formação permanente	107
Peregrina rumo à casa do Pai	109
V. EPÍLOGO	111

I

A OBRA DA IGREJA ELEVADA A DIREITO PONTIFÍCIO

A Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, num Decreto, firmado aos 20 de dezembro de 1997, aprovou A Obra da Igreja, declarando-a de direito pontifício.

Não se quis emoldurá-la em nenhuma das formas canônicas dos institutos de vida consagrada, mas, sobretudo, quis-se reconhecer a sua singularidade; isso sim, com a aprovação suprema e definitiva que corresponde à autoridade do Papa e, por conseguinte, de direito pontifício.

A simples e portentosa singularidade de A Obra da Igreja ficará suficientemente esclarecida quando, nos capítulos seguintes, apresente-se a figura da sua fundadora, a Mãe Trindade, e o viver e a tarefa da sua Obra da Igreja, como continuadora da sua missão na Igreja. Valha como argumento o reconhecimento da sua finalidade, expressamente citado no referido Decreto de aprovação pontifícia: *«a sua finalidade é viver profundamente o mistério da Igreja, ser testemunho vivo dela mediante a vida e a palavra, e suscitar nas almas o desejo de ajudarem os Bispos a realizarem sua missão»*. Sem dúvidas, dita finalidade é como se constituísse o próprio nome e ser de A Obra da Igreja, na Igreja e para a Igreja.

A Mãe Trindade se auto-denomina, com muita frequência, o «Eco» da Igreja, isso é ela e isso é também A Obra da Igreja. Por isso, a sua sublime e simples singularidade, anunciada pelo Senhor à Mãe Trindade, é reconhecida e expressada hoje pelo Sucessor de Pedro.

A vocação de A Obra da Igreja configura, por conseguinte, a sua fisionomia dentro da Igreja. Configura-a como essa «legião de almas que, posta ao lado do Papa e dos Bispos, ajudem-lhes a realizar a missão que



Fachada da casa natal da Mãe Trinidad.

o Senhor lhes encomendou». Por isso, o mencionado decreto diz que «*é composta por três ramos de vida consagrada: sacerdotal, laical masculina e feminina, entorno das quais se organizam os demais ramos de Aderidos, Militantes e Colaboradores*».

A amplitude de A Obra da Igreja é tão grande como a sua própria vocação: nela, como na Igreja, cabem os sacerdotes e os leigos, os consagrados e os não consagrados, os matrimônios, os jovens e os meninos. Uma só Obra, uma mesma missão, uma só tarefa, que cada um realiza dentro da sua própria vocação, estado ou condição.

Seguindo, em retrospectiva, o curso das aprovações canônicas de A Obra da Igreja, diremos que, no ano de 1990, já teve sua aprovação de direito diocesano pelo Cardeal Arcebispo de Madri, se bem que a autorização foi dada pela Santa Sé, através da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, que, depois de estudar demoradamente as Constituições, aprovou-as e autorizou que fosse reconhecida A Obra da Igreja em sua singularidade, tal qual é segundo as suas próprias Constituições.

Recebeu a primeira aprovação logo depois de nascer. Foi no ano de 1967, quando o então Arcebispo de Madri, Dom Casimiro Morcillo, depois de ter dado, anos antes, de palavra, as suas mais amplas permissões à Mãe Trindade para trabalhar apostolicamente na sua Diocese e formar A Obra da Igreja, erigiu-a como Pia União.

Três passos importantes até chegar ao da sua aprovação suprema e imodificável, dada pela mesma Santa Sé (C.I.C. cân. 583), que coloca A Obra da Igreja ali onde sua fundadora a contemplara, tal como é querida pelo Senhor.

No Decreto, o começo de A Obra da Igreja fica estabelecido aos 18 de março de 1959. Mais adiante, no capítulo III, comentaremos o significado deste venturoso ano de 1959. Somente diremos aqui que a Mãe Trindade era então uma jovem leiga que o Senhor, nesse dia, introduziu na sua vida íntima, e foi imersa no mistério da sua comunicação trinitária. Daí brota o seu saber o que tinha que dizer e fazer na Igreja. Por esta razão, entende-se que, quem conhece a alma da Mãe Trindade, tenha tido a luz do Espírito Santo para datar o nascimento de A Obra da Igreja naquele sublime dia.

A Obra da Igreja, por seu lado, recebe a aprovação pontifícia com atitude humilde e agradecida a Deus e à Igreja.

Esse reconhecimento singular da Santa Sé tem sido para A Obra da Igreja como uma bandeira que vem entregue, em tempo de guerra, a um batalhão, alguns momentos antes de um novo combate. O que importa, então, é a luta iminente, é o triunfo no combate e a conquista. Não se pode pensar em outra coisa.

Mas, como também naqueles momentos, pesam sobre o coração os esforços, fadigas, feridas e riscos que se suportaram e os novos que se avizinham, assim a compreensão e o encorajamento dos que dirigem a batalha atuarão sobre ele como uma recompensa e um estímulo que lhe infundem nova força e decisão.

Bandeira hasteada como símbolo da sua vida e da sua missão, estandarte na luta por novas conquistas para a glória de Deus, escudo contra os riscos do combate, alento e fortaleza, dádiva preciosa que guarda com gratidão no mais profundo do coração, é quanto tem sido para A Obra da Igreja a aprovação pontifícia.

NOTA

Os textos que são citados em seguida, são tomados dos escritos publicados da Mãe Trindade. Os pensamentos podem ser identificados em «Frutos de oración» pelo número que lhes precede, e quando se citam incompletos, pelo número que lhes segue, posto entre parêntese. As poesias de «Vivencias del alma», pelo título que as encabeça e o número posto no final entre parêntese; e os parágrafos tomados de «La Iglesia y su misterio», pela página transcrita no final da citação.

II

PERFIL ESPIRITUAL E HUMANO DA FUNDADORA DE A OBRA DA IGREJA

Para definir, em poucas palavras, a vida da Mãe Trinidad, começaria dizendo que é uma vida de imensos, tremendos, gozosos e consoladores contrastes. Toda ela é um tecido de grandiosidade e simplicidade, de impotência humana e de arrastadora potência divina; de vivência profunda e da despercebida naturalidade de uma jovem da roça ou de uma dona de casa que comunica com a vivacidade, a espontaneidade e o colorido da linguagem popular andaluza, torrentes de sabedoria sobre os mistérios mais profundos da fé católica. Este contraste é expressão viva da pobreza e limitação humana e dos horizontes sem limites pelos quais clama o nosso coração. Por isso, quando nos aproximamos dele, subjuga-nos com sua força de verdade irresistível.

A Mãe Trinidad é como o eco palpitante daquelas palavras de Jesus: «Eu te louvo, ó Pai, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos». É como se o Senhor, através dela, quisesse dizer hoje ao sacerdote, às almas consagradas, ao trabalhador perdido no campo, à mulher da limpeza, ao jovem que começa a abrir-se para a vida ou ao homem engolido pelo trânsito das grandes cidades: Olha, todo meu amor infinito é para ti. Morri na cruz para fazer-te Deus por participação; e, na minha Igreja, deixei tesouros insondáveis para repletar-te da felicidade que buscas sem encontrar. Em tuas mãos ponho a profundidade, a largura e a longitude de todo o mistério da minha vida.

* * *

Aos 10 de fevereiro de 1929 nasce, em Dos Hermanas, a Mãe Trinidad. Aos seis anos ocorre-lhe um acidente que deveria repercutir

numa importante faceta da sua infância: jogando com umas amigas, pintam-lhe os olhos com cal não bem apagada; ingênua travessura infantil que quase a deixava cega. Desde aquele dia, as companheiras de colégio a veriam chegar todas as manhãs com os seus pequenos óculos pretos para sentar-se, quase só como ouvinte, nas carteiras da classe. E essa foi, praticamente, a única escola de instrução humana que a Mãe Trinidad frequentou na sua vida.

Aos catorze anos estava já levando adiante, com seu pai e seu irmão Antônio, o comércio de calçados, propriedade da família. Pelas tardes acudia, com um grupo de jovens da sua idade, as classes de bordado. Assim até os vinte e seis anos, quando muda para Madri.

Agora, quando sacerdotes, professores de Teologia, mestres e doutores pelas Universidades Pontifícias ouvem as palestras da Mãe Trinidad sobre a vida íntima de Deus, sobre o mistério de Cristo, sobre Maria, ou sobre a esplendorosa riqueza da Igreja, diante de seu assombro por não terem ouvido coisa semelhante, a primeira pergunta que costumam formular é: Em que universidade fez a Mãe seus estudos de Teologia?

Quando se diz o que acabo de referir, muitos resistem em aceitá-lo, no princípio, porque isso os poria de bruços diante de um portentoso milagre vivente e continuado no meio de nós. Não resta outra opção então que a de recorrer ao testemunho de professoras e alunas do Colégio da Sagrada Família, e ao de todo o povo de Dos Hermanas que a viu atendendo, durante mais de doze anos, na sua loja «Calzados La Favorita».

E pouco a pouco vão abandonando, os reflexivos teólogos, a sua insustentável incredulidade, porque tampouco ouviram nenhum professor de Teologia falar com tanta profundidade, tanta matização, tanta simplicidade e vida como o faz a Mãe Trinidad, sobre as verdades da fé católica. Encontram-se diante de algo assombroso, incrível, mas que está aí diante de seus próprios olhos, e que se levanta com força subjugadora como uma chamada de Deus a todos os membros da Igreja, ricos e pobres, cultos e ignorantes, sacerdotes e leigos, para que tomem consciência viva do que são por serem Igreja.

Vai-se de assombro em assombro quando se conhece mais de perto a vida desta simples mulher que é a Fundadora de A Obra da Igreja.

Porque já em 1979 publicou seu primeiro livro intitulado «Frutos de oración. Retazos de un Diario». Um volume de 541 páginas, com 2.217



Durante o tempo em que viveu na sua cidadezinha natal, Dos Hermanas (Sevilha), a Mãe Trinidad foi paroquiana da igreja de Santa Maria Madalena, cuja fachada ilustra a fotografia.

profundos e belíssimos pensamentos sobre um leque tão amplo e sugestivo de temas, que lhe fazem, ao mesmo tempo, um tratado de Teologia, um reclamo ao coração angustiado do homem de hoje, e um canto sublime às realidades mais belas que o espírito pode viver.

Seguiu-lhe «Vivencias del alma», livro íntegro de poesia, e poesia religiosa!; 310 poemas que, na sua cristalina beleza, fazem-nos cruzar o umbral dos grandes mistérios, introduzem-nos dentro, e ali cantam-nos maravilhas inefáveis e contam-nos as vivências mais plenas e sublimes da alma em contato com o Eterno.

Posteriormente, publicou-se «La Iglesia y su misterio». Trata, como os anteriores, de forma profunda, rica e bela, temas enraizados na medula mesma do mistério da Igreja. Reveste, todavia, uma forma literária distinta. Sua prosa ágil oferece-nos a exposição ampla, matizada e fluida de realidades que palpitam plenas de vida, e que se nos apresentam contempladas em seu brotar perene e cheio de frescor do manancial da Igreja.

Três livros únicos, inimitáveis, que levarão à alma de quem os leia uma torrente de sabedoria e vida divinas, e a abrirão para horizontes de riqueza que nunca suspeitou.

Em novembro de 1999, nas portas do ano 2000, nos umbrais do Grande Jubileu, de uma maneira... que não saberia como qualificá-la: imprevista, inflamada de zelo por amor à Igreja, sem mais pretensão que apresentar o seu verdadeiro rosto diante dos homens e diante de muitos membros da Igreja desconcertados, a Mãe Trindade publicou um seu escrito, do ano de 1959, em forma de pequeno «opúsculo»: «O verdadeiro rosto da Igreja repleto e saturado de Divindade».

Esgotou-se a primeira edição em muito pouco tempo; fizeram-se outras de 10.000, de 25.000... e começaram a chegar para a Mãe Trindade numerosas cartas e manifestações de admiração pelo seu «opúsculo», de imensa complacência e de gratidão pelo seu amor à Igreja; animando-a a seguir dando à luz outros seus escritos.

Vozes de sacerdotes, bispos e cardeais somam-se a este coro de fiéis que expressam seu júbilo ao ver a Igreja apresentada na sua formosura *«como ânfora preciosa repleta e saturada de Divindade»*.

Baste como testemunho o deste sacerdote que escreve a uma paróquia agradecendo-lhe o presente deste «livrinho» que:



Fotografia da Primeira Comunhão da Mãe Trinidad, aos oito anos de idade, aos 7 de junho de 1937.

«comecei a ler pensando que se trataria de um dos tantos folhetos de religiosidade popular que estiveram tanto de moda em tempos passados; mas desde o começo que expressa assim: “minha Igreja, que formosa és...! Toda formosa és, Filha de Jerusalém. ‘Teus olhos são pombas’, porque o teu olhar é com o mesmo olhar do Pai... Ai, minha Igreja!, toda formosa, engalanada com a mesma Divindade que te penetra, te satura, te enobrece, enaltecendo-te com tal fecundidade, que tu, minha Igreja, és o mesmo Verbo Encarnado que sai do seio do Pai rompendo em Palavra e abrasando-se no Espírito Santo. Essa é a tua real Cabeça, minha Igreja!”..., instintivamente coloquei-me de joelhos para terminá-lo. É, o confesso, o mais bonito, o mais profundo e o mais belo que, ao longo da minha vida, li sobre a Igreja, a grande desconhecida e, por isso, tão pouco amada!»

A este escrito seguiu-se outro: «A Promessa da Nova Aliança», exposição riquíssima, compacta, bela, profunda e sugestiva do Plano de Deus sobre o homem, realizado por Cristo, através de Maria, e remansado nos seio da Santa Mãe Igreja.

E assim surgiu a coleção «Luz na noite – o mistério da fé», com títulos que, em seu conjunto, são uma chamada, um convite a quem queira adentrar-se, em sabedoria amorosa, no dogma riquíssimo do nosso cristianismo.

Nenhum dos que estamos colaborando com esta iniciativa da mesma Mãe Trindade pudemos imaginar, no princípio, a amplitude e a profundidade de seu alcance em frutos de amor pela Igreja, pois, ainda que sabíamos que tal atividade, como todas as que ela empreende, era impulsionada pelo mesmo Deus, só os fatos estão demonstrando que é o momento determinado por Deus –como ela mesma expressou-o– para começar a manifestar, desde o seio da Igreja, algo do dom que, enquanto a Mãe Trindade viva, possa-se dar a conhecer para aproveitamento de todos os que se abram para receber este presente incalculável de conhecimento em sabedoria amorosa do mistério transcendente de Deus em sua intercomunicação íntima e familiar de vida trinitária;

a grandeza insondável de Cristo, o Unigênito de Deus, Luz de Luz e Figura da substância do Pai, um com o Pai e o Espírito Santo; e que feito Homem por Amor, se nos dá em explicação de eternos Cantares por meio do mistério da Encarnação, realizado nas entranhas puríssimas da Virgem que, de tanto ser Virgem, por obra do Espírito Santo rompeu em maternidade, e Maternidade Divina!;



Capela do sacrário da cidadezinha de Dos Hermanas, onde a Mãe Trindade encontrou-se com Jesus desde os primeiros anos da sua consagração, sob o amparo maternal de Nossa Senhora de Valme.

manifestando-se e dando-se-nos a Família Divina, por Cristo, com Coração de Pai, Canção do Verbo e Amor de Espírito Santo, no seio da Santa Mãe Igreja, repleta e saturada de Divindade, e que é preciso apresentar com toda a sua formosura, com seu dogma riquíssimo manifestado em sabedoria amorosa, para que, ao olhá-la, os homens vejam o rosto de Deus nela.

Todavia, os escritos mais profundos e íntimos, e sem dúvidas os melhores, não poderão ver a luz enquanto viva a sua autora.

Quem conhece bem a magnitude e o alcance da produção literária da Mãe Trindade, não duvida em afirmar que a colocarão entre os maiores escritores da literatura universal.

E, que contraste tão belo e atraente! Ela confessa, de si mesma, que nunca pretendeu escrever um livro, mas, simplesmente, plasmar como pode as vivências da sua alma. Causar-lhe-ia horror pensar que a olhassem sob um ponto de vista literário, porque jamais cruzou pela sua mente o pensamento de ser escritora. Sente-se só —são suas palavras— *«o Eco da Igreja, que reverbera, em sua pobre expressão e em sua insignificante repetição, quanto a Igreja é, quanto tem, quanto vive, quanto sofre e quanto dá»...*, *«o grito afogado do coração da Igreja que, palpitando de amor e dor, rompe cantando por ela aos homens»*.

* * *

Uma mudança transcendental realizou-se em sua vida aos 17 anos, que explica este incrível paradoxo de ter alcançado um cume muito alto do mundo das letras sem o querer, sem o pensar, e sem ter lido nem uma só das obras dos grandes ou medianos autores.

Era a manhã de 7 de dezembro de 1946. Os sinos da torre repicavam anunciando ao povo de Dos Hermanas a festividade da Imaculada. Num abrir e fechar de olhos, enquanto estava na sua loja como todos os dias, algo único, surpreendente, maravilhoso e avassalador se fez sentir no profundo da alma daquela jovem aberta, alegre e simpática. Era o Deus de terrível majestade e ternura infinita que passava chamando na sua «porta»...!

Ouvi, mais de uma vez, a Mãe Trindade evocar a lembrança da mudança realizada na sua vida por este calado e poderoso passo: *«Da minha vida anterior —diz ela— permanece-me só uma lembrança sombria. Tinha então o que uma moça da minha idade podia apetecer. Passava a se-*



A Mãe Trinidad junto com a sua irmã Emília, pouco depois de consagrar-se a Deus no dia da Imaculada de 1946.

mana esperando com ilusão as tardes do domingo; e os anos transcorriam esperando a festa de São Tiago e a romaria de Valme. Depois de tantos preparativos, de tanto sonhar com a festa, de tanto alvoroço, resolvia-se tudo num passar veloz que só deixava vazio na alma, cansaço no corpo, e a tarefa de voltar a começar para de novo recolher o mesmo...»

«Aquele 7 de dezembro foi como o surgir repentino de uma pujante primavera que encheu minha vida de luz e pôs um colorido novo em tudo quanto me rodeava. O Amor infinito colocou-se diante de mim, e como se me dissesse: “Tens necessidade de amar e de ser amada? Eu sou o Amor infinito! Teu coração está sedento de felicidade? Eu sou a Felicidade, a Beleza, o Poderio, a Perfeição eterna...!” E, desde aquele dia, minha alma vive na plenitude de todas as suas apetências, infinitamente transbordada em suas ânsias de ser e de possuir».



A Mãe Trinidad com seus pais.

O SACRÁRIO DA MINHA CIDADEZINHA

Quando evoco na lembrança aquele passado
que vivi no silêncio do olvido,
acendem-se-me minhas entranhas com ardores,
respondendo, da minha maneira, ao Deus bendito.

Horas longas na igreja da minha cidadezinha,
remansandome-me no peito do meu Cristo,
e escutando docemente da sua boca
os seus queixumes em lamentos contidos...

A paróquia da minha cidadezinha...!
Quantos mistérios vividos
sem que ninguém o soubesse,
só por Deus conhecidos...!

Junto a minha Virgem de Valme,
sob seu amparo, soube
sapiências do Deus do Céu
e seus mistérios divinos
que, através daquele Sacrário,
meu espírito compreendeu.

Horas longas de romances
onde minha alma veio
pouco a pouco saboreando,
em tempos que nunca esqueço,
mistérios que eu guardava
no meu coração ferido,
dia-a-dia em silêncio,
porque o Infinito Amor
era pouco conhecido...

Meu Sacrário...! Minha paróquia...!
A cidadezinha onde nasci...!
Junto a minha Virgem de Valme,
sendo, nos planos divinos,
Eco da Igreja Mãe,
mensagem de um desígnio

com o qual Deus marcou a minha alma
quando em seu peito me disse:
Vai a contar aos homens
quanto de mim aprendeste.

O Sacrário da minha cidadezinha,
onde orando compreendi,
junto a minha Virgem de Valme,
tantos segredos divinos...!

(Núm. 298)

O gênio do povo andaluz brindou, por outro lado, à Mãe Trinidad toda a sua vivacidade, a sua força expressiva, a sua profundidade e o seu colorido, para contar e cantar as riquezas do Eterno Manancial arremansado na Igreja. Assim surgiu a sua poesia e esta amplíssima produ-



*Capela da casa natal da Mãe Trinidad, erigida no lugar onde ela nasceu
e consagrou-se a Deus.*

ção literária da qual se fazem eco os que a vão conhecendo através dos seus escritos e neste tempo seus «opúsculos», que são como uma chuva de estrelas na noite que envolve o mundo.

ANDALUZIA AMADA...!

Andaluzia amada, terra onde nasci...!

Quantos dias, sob o teu sol brilhante,
ao Amor Infinito meus amores lhe dei...!

Quantos dias, em nostalgia que espera
e numa saudade de amor calado,
sob as tuas noites serenas e estreladas,
em oração me afundei,
percebendo a doçura infinita do Deus vivo
na comunicação ditosa do seu eterno festim...!

Andaluzia amada...! Terra onde nasci...!

(Núm. 15)

* * *

Outra particularidade surpreendente na vida da Mãe Trindade é que, sendo mulher, tenha fundado uma Obra na que se integram Sres. Bispos, sacerdotes, homens e mulheres consagrados a Deus, matrimônios, jovens de um e de outro sexo, pessoas adultas e meninos.

Em 1955, muda para a capital da Espanha, sem outra tarefa que acudir seu irmão mais velho, que acabava de estabelecer-se ali. Vivera e aprendera muito aos pés do Sacrário naqueles anos; sabia das longas esperas e das solidões cruéis de Jesus na Eucaristia, de seus amores ardentes; e toda a sua vida, até então, tinha sido um amor, um esforço, um romance para consolar e fazer sorrir o Senhor. Mas, tudo ficara na intimidade silenciosa e recolhida da pequena e linda capela que preside Nossa Senhora de Valme na igreja paroquial de Santa Maria Madalena; onde Jesus foi o seu único Mestre; enquanto ela, durante longos tempos de oração reclinada no seu Peito, captou os segredos mais íntimos do coração do Verbo da Vida Encarnado, e a sua alma embriagou-se —ci-



*Uma vista da Casa de Apostolado de A Obra da Igreja em Sevilha,
na clássica e central praça de Pilatos.*

tando quase textualmente frases da Mãe Trindade— da sabedoria amorosa dos Infinitos Mananciais, que se desbordam desde o seio do Pai, pelo lado aberto de Cristo, por meio da maternidade de Maria no seio largo da Santa Mãe Igreja, repleto e saturado de Divindade, em derramamento sobre a humanidade.

DEUS RESPIRA NO MEU INTERIOR

Quando eu me interno,
com alma adorante
e em silêncio fico,
na intimidade
de um sacrário aberto,
escuto o queixume

de Jesus em dó,
escuto sua roçadura
e sinto seu alento...

E entrando na profundeza
do seu pensamento,
o que mais me move
no meu sentimento
é quando eu escuto,
atrás do meu silêncio,
esse respirar
em lentos acentos,
esse retinir
do seu terno peito...

E aproximo minha alma
para capturar
esse palpar
dos seus sentimentos;
e ouço o tic... tac...
que, em seu coração,
o amor abriu.

E enquanto respira
o Hálito eterno,
eu respiro n'Ele
do modo que posso,
para retornar
com meu respirar
a seus sentimentos.

Quando Deus respira
dentro do meu peito,
eu respondo em dom
do modo que posso.

(Núm. 122)

Em Madri, a partir de 18 de março de 1959, Deus rompe com força os moldes daquela vida oculta. E a introduz no segredo da sua vida íntima, no modo surpreendente que só Ele sabe; mostra-lhe seus misté-

rios, fá-los viver e participar e enviando-a a proclamá-los com o mandato de «Vai e dize-o! Isto é para todos!»: Torrentes de luz, cataratas de sabedoria em vivência profunda, impulsos que não se podem conter para contar e cantar as façanhas do Senhor nas portas da Filha de Sião...

Um fogo que lhe abrasa as entranhas da alma, uma força, contra a qual não pode resistir nem lutar, impele a Mãe Trindade a dizer que...: *«Urge apresentar o verdadeiro rosto da Igreja, desconhecida pela maioria de seus filhos»*; que *«é preciso reavivar e reaquecer o dogma»*; que *«é necessário pegar a Teologia e dá-la no amor a todos os filhos de Deus»*; que *«o seio do Pai está aberto esperando encher-se com a chegada de todos os seus filhos»*; que *«é preciso fazer uma revolução cristã no seio da Igreja...»*

Clamou, quase gritou. Foi chamando de porta em porta os que a podiam ajudar. Lutou o indizível e esforçou-se até limites que pareciam acima de suas possibilidades. Mas a sua voz era humanamente demasiado fraca para ser escutada; e proclamava uma renovação tão profunda, que resultava estranha para algumas mentalidades de então e com a qual muitos tinham medo de confrontar-se.

Por aqueles dias o Papa João XXIII chamava a Igreja para o Concílio. E... terrível contraste!, quando todos começaram a falar do que se devia fazer na Igreja, a Mãe Trindade, com sua alma arrebatando de palavra para a Igreja, teve que ficar no silêncio da incompreensão.

O Senhor imprimia também como a fogo na sua alma: «Com tudo a João XXIII...!» «O Concílio vem para isto».

E aquela jovem de apenas trinta anos, perdida na solidão de uma imensa cidade, desvalida, sem recursos e sem apoios humanos, empreende a grande epopéia de chegar até Roma para falar com o Sucessor de São Pedro.

Chegou em Roma e o Senhor colocou-a diante do Sucessor do Príncipe dos Apóstolos. Mas —em uma sua expressão— «os grandalhões» impediram que falasse com o Papa e, estando diante de João XXIII, teve que ficar em silêncio.

Superando obstáculos que pareciam invencíveis, voltou para Roma três anos depois. Mas, demasiado «tarde», como lhe tinha feito entender o Senhor de antemão: João XXIII entrava em Retiro espiritual, e a primeira Sessão do Concílio ia começar. Os que depois poderão ler seu



A Mãe Trinidad de la Santa Madre Iglesia com um grupo de peregrinos diante de João XXIII, aos 18 de julho de 1959; já que não lhe foi concedido falar em privado com ele, único fim para o qual, superando inumeráveis e penosas dificuldades, foi para Roma.

diário particular e conhecerão tudo, compreenderão os porquês do que hoje permanece velado pelo silêncio da incompreensão.

O Senhor, todavia, aumentava com força sempre maior nas suas comunicações, impulsos e petições. E do fragor daqueles fogos surgiu também na alma da Mãe Trinidad «*A Obra da Igreja*»: um grupo vivo de Igreja, uma legião integrada por pessoas de toda idade, sexo, estado e condição social que, vivendo profundamente seu ser de cristãos e postas ao lado do Papa e dos Bispos, manifestassem ao mundo, por sua vida e sua palavra, o verdadeiro rosto da Igreja; e que teriam que ajudar a levar aos homens a sabedoria e vida eclesial das quais se sentia repleta.

Para realizar tudo isso, encontrava-se praticamente só, sem mais possibilidades que as de uma jovem chegada de uma cidadezinha do sul à capital da Espanha. Se se pudessem contar as dificuldades, os sofrimen-

tos e incompreensões com os quais a Mãe Trindade encontrou-se até chegar a fazer A Obra da Igreja, saberíamos muito da sua têmpera e da sua firmeza de caráter. Foram muitas as barreiras que teve que romper e as portas fechadas com as quais se encontrou; muito duras as batalhas que teve que superar.  s vezes, diante da força de Deus que a impulsionava, da magnitude do que tinha que empreender e dos obstáculos, como gigantescas montanhas, que se colocavam diante dela, aflorava na sua alma a saudade daquele cantinho da capela do Sacrário da sua cidadezinha, onde tão feliz foi com o Jesus da sua juventude. E, enxugando-se as lágrimas, dirigia-se ao Senhor para perguntar-lhe: *«Por que a mim...? Por que tenho que ser eu, Senhor...?»*

Como única resposta, uma doce e acariciadora experiência interior: *«Porque não encontrei outra criatura mais desvalida e pobre do que tu na terra».*

E dia a dia, ano após ano, a Mãe Trindade foi forjando a sua Obra da Igreja, nos diversos Ramos e Grupos, dando a cada um a sua fisionomia própria, dentro de uma realidade única que a todos engloba. Tarefa profunda, ampla e variada que por si só fala da riquíssima e excepcional personalidade desta mulher, capaz de formar teológica e espiritualmente seus sacerdotes, ou de fazer que seus leigos sejam testemunhas vivas da Igreja no meio do mundo; que pode orientar tanto os problemas de um matrim nio como a vocação de um jovem   consagração; e que tem que regulamentar a vida das suas comunidades ou organizar um acampamento juvenil.

Desde o ano de 1963, a Mãe Trindade abriu para a sua Obra mais de 40 casas na Espanha e no estrangeiro. Foi preparando-as uma por uma.  s vezes, quando desenhava projetos ou tinha que brigar com pedreiros, carpinteiros e operários, ou quando voltava cansada de dar voltas azafamando-se pelas lojas da capital, a ouvíamos recriminar carinhosamente e com a sua graça sevilhana ao Senhor: *«Quando me pediste que te fizesse A Obra da Igreja, o que eu menos imaginava   que teria que fazer estas obras».*

Até pouco tempo atrás, ela conduzia pessoalmente a administração econ mica de toda a Obra. Uma vez que imprimiu seu estilo, também em conduzir os assuntos materiais, aos homens e mulheres que a vêm ajudando, volta a pegar o tim o da economia só em circunstâncias decisivas ou em momentos que reclamam um mais estreito reajuste.



A Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia com o seu olhar posto no céu diante da sua saudade na espera do encontro com Deus para sempre.

Implantou sua Obra da Igreja em 7 dioceses espanholas. Depois levou-a para Roma, onde tem abertas 5 casas de apostolado, e foi-lhe confiada a paróquia de «Nostra Signora di Valme». Desde Roma vai estendendo-se a outras dioceses da Itália, fazendo chegar a sua irradiação apostólica a outros países, principalmente às nações hispano-americanas de língua espanhola.

* * *

Mãe Trindade quis que toda esta complexa realidade de pessoas, atividades e coisas seja totalmente aberta e lançada a propagar a autêntica renovação eclesial que ela leva impressa na sua alma desde o ano de 1959. Para isso, tem procurado, antes de tudo, fazer da sua Obra a encarnação viva dessa renovação. E de uma maneira pacífica, calada e inadvertida na maioria das vezes ao ambiente que a circunda, tem já convertidas em realidade concreta, prática e experimentada, muitas das metas assinaladas pelo Concílio Vaticano II, para as quais todos olham com ilusão e saudade, e que muitos contemplan como utopias diante da confusão, e até dos desastres que provocaram para a Igreja a tentativa de conseguí-las com meios demasiado pouco evangélicos.

Uma simples enumeração de realidades, que estão aí, à vista de todos, podem fundamentar essa afirmação que poderia parecer exorbitante:

— Colocação da Teologia, em toda sua profundidade e riqueza, ao alcance de todos, até dos mais humildes e marginalizados culturalmente.

— Capacitação e promoção dos leigos para que assumam seu papel de membros vivos e vivificantes do Corpo Místico; satisfazendo, por um lado, as suas mais profundas exigências de viver em plenitude a sua realidade de cristãos, e lançando-os, por outro lado, a assumirem as suas responsabilidades apostólicas nos variadíssimos campos e nos modos tão ricos que lhes pertencem.

— Renovação da vida do sacerdote, solução dos problemas da sua identidade sacerdotal no meio de um laicato consciente da sua tarefa na Igreja e que reclama do sacerdote que lhe devolva as atividades que lhe são próprias; formação permanente, vida em família etc. etc.

— Estilo natural, atraente e simplesmente evangélico, com o qual os consagrados a Deus devem viver a sua entrega, no meio de um mundo que têm que ganhar para Cristo.

— Floração de vocações, tanto para o sacerdócio como para a vida consagrada.

— Abordagem conseguida da formação dos aspirantes ao sacerdócio, alimentando e amadurecendo seu ideal de serem ministros de Cristo e dispensadores dos mistérios divinos aos homens, sem os tirar do mundo no qual devem viver, e mantendo-os em contato permanente com as realidades apostólicas que devem desenvolver e no mesmo ambiente em que devem realizá-las.

— Vitalização das paróquias como reflexo e concreção do grande Lar da Igreja; explorando a força apostólica de meios e métodos garantidos na sua eficácia pela experiência de anos ou séculos, e buscando outros novos e necessários hoje para chegar a todos os paroquianos e solucionar os problemas espirituais e materiais de seus membros.

— Apresentação do mistério da Igreja, na sua compacta riqueza e na sua força vitalmente renovadora, a milhares de sacerdotes, religiosos e religiosas, e leigos de todas as camadas sociais, em «O Plano de Deus na Igreja», «Dias de retiro sobre o Mistério de Deus na Igreja», «Dias de orientação juvenil», Retiros, palestras, etc.

Para que seguir enumerando... Todas essas realidades são interdependentes entre si; sem umas não se podem alcançar as outras. Tão consciente foi a Mãe Trindade desde fato, que por isso falava, já no ano de 1959, que *«devia-se fazer uma revolução cristã no seio da Igreja»* para colocá-la no esplendor e plenitude de vida que Cristo lhe deu ao fundá-la.

* * *

E podendo até parecer que eu disse tanto, a verdade é que não fiz mais do que pôr diante dos olhos realidades externas. Refletem, sim, profundas vivências interiores das quais promanam; mas o porquê mais íntimo, a realidade mais forte que configurou a personalidade espiritual e humana da Mãe Trindade, a sua missão na Igreja, a sua transcendência e o modo portentoso, quase insuspeitável, do que Deus realizou na alma desta mulher tão simples, para a realização de um desígnio eterno e amoroso na sua Igreja, necessariamente devem ficar ocultos agora para nós até que —são suas palavras— partirá para a Casa do Pai.

Uma das manifestações mais reveladoras a este respeito, eu a ouvi pouco tempo atrás da mesma Mãe Trindade, enquanto falava a um gru-



*A Mãe Trinidad conversando com o Senhor Cardeal de Toledo,
Dom Marcelo González, na casa de A Obra da Igreja na Diocese primaz.
(15 de novembro de 1975)*

po de sacerdotes. Seu amor pela Igreja e a dor da sua alma devendo vê-la tão humilhada, traíram-na depois de escutar, mais uma vez, como por toda parte estão surgindo doutores da mentira que trazem a confusão para o povo de Deus. E escapou-lhe como uma queixa, como um lamento: *«As realidades das quais falei aos senhores, eu não as aprendi nos livros, nem mas ensinaram os homens. Sou simplesmente uma testemunha. E a veracidade do meu testemunho comprova-se pela sua conformidade com os ensinamentos da Igreja»*. E noutra ocasião: *«Deus me fez sua testemunha para fazer-me seu profeta»*; profeta que tem que falar em nome de Deus ao seu Povo.

Testemunha que tem que dar testemunho; Eco cuja missão é repetir com fidelidade a palavra pronunciada; pequenez de quem nada de próprio tem que dizer, e riqueza plena da voz pela qual se expressa o viver glorioso e o sangrento penar da Igreja: Esta é a síntese da vida e da Obra da Mãe Trindade.

III

MAIS PERTO DA ORIGEM DA LUZ

Alinhavando «Retazos de un Diario», «Vivencias del alma» e jóias de «La Iglesia y su misterio»

Tentar fazer conhecer mais profundamente o que é e o que traz para a Igreja a Mãe Trinidad, traz consigo riscos importantes.

O primeiro, o de seguir dizendo muitas coisas dela, mas sem chegar a desvelar ou a fazer intuir o filão mais fundo que atravessa toda a sua vida, o que lhe dá o seu verdadeiro sentido e do qual promana a sua riqueza.

Todavia, quem em verdade e em profundidade quer avizinhar os outros a esse filão oculto, ainda que o faça progressivamente, expõe-se a que, aqueles que o lêem ou o escutam, muito cedo ou num determinado momento, pensem que exagera. Este é o segundo risco.

E um terceiro risco, que não é possível correr, seria deixar em descoberto a intimidade mais secreta da alma da Mãe Trinidad. Por isso, só depois da sua morte, quando poderão ser publicados os seus numerosos escritos, poder-se-á conhecer, na sua autêntica dimensão, a efusão de Deus em dom sobre a Igreja, através desta simples mulher que, por ser tão simples e ter em suas mãos tais e tantas riquezas, teve que mantê-las ocultas, em segredo.

Seu primeiro livro, «Frutos de oración», tem como subtítulo «Retazos de un Diario». Pensei que, tal vez, alinhavando alguns desses retalhos, que foram recortados do seu diário, com a finalidade de uma apresentação sistemática da doutrina e vivência da Fundadora de A Obra da Igreja, junto com outras «Vivências» da sua alma, tiradas do seu segun-

do livro, e com determinados parágrafos de «La Iglesia y su misterio», possam evitar-se os riscos, no intento de aproximar-nos do coração desse segredo. Tudo para o nosso bem, para podermos conhecer melhor uma graça que o Senhor nos deu.

Um ano de transcendente significado

Os primeiros pensamentos que se recolhem no livro «Frutos de oración» e bastantes temas de «La Iglesia y su misterio» datam do ano de 1959.

Quem participou de «O Plano de Deus na Igreja» ou de «Dias de retiro sobre o Mistério de Deus na Igreja», que A Obra da Igreja organiza com atos do seu peculiar apostolado, ou tenha escutado palestras da Mãe Trindade, terão ouvido a Mãe evocar a lembrança desse ano. Com efeito, teve uma importância transcendental na sua vida. Marca nela um cume para o qual sobe, como uma preparação, todo o tempo anterior, e do qual flui, como de uma grande vertente, todo seu viver e atuar posterior.

No ano de 1959, e especialmente numa data determinada do mesmo, no dia 18 de março, aconteceu como uma mudança —eu diria substancial— na fisionomia espiritual da Mãe Trindade. De golpe, encontrou-se introduzida nos mistérios divinos para entender, contemplar, viver os tesouros infinitos que se encerram no seio da Igreja.

Por aqui e por lá, ao longo de todos os seus escritos, encontram-se vestígios ou alusões, mais ou menos veladas, a esse ser introduzida por Deus em sua vida íntima: ser «aprofundada» no mistério da sua comunicação trinitária, para ali «surpreender», «entender sem coisas daqui», «ver sem conceitos», «adorar»...

«364. Atraída pela formosura do teu rosto, afundei-me em teu mistério tão profundamente, que surpreendi teu Ser eterno em ebulição infinitamente espiritual de luz e amor. (20-8-61)

439. Quando afundei-me no sacro mistério da Família Divina, submergi-me e encontrei-me engolfada no *Sancta Sanctorum* da eterna Sabedoria, onde o Pai, rebentando em Palavra de fogo, está-nos soletrando seu ser infinitamente amoroso. (18-12-60)»

O TEU TOQUE EM MISTÉRIO

Teu toque em minha alma me diz
silêncio,
e, quando calo, –mistério!–
te sinto.

E, diante do teu contato divino...,
me abismo, me perco...,
e em tua profundidade funda,
ali no profundo,
te vejo atrás de véus.

E em meu peito ferve
uma chama de eterno segredo.

E com a tua substância repleto minhas ânsias
na luz do teu fogo,
que me cauterizam
muito dentro;
onde, sem saber como é,
eu te tenho
num saborear
de eterno mistério,
que é vida sem coisas daqui,
e sem tempo;
numa harmonia que é luz, que é amor
e é concerto.

Que doce ter-te sem coisas daqui,
sentindo teu toque em silêncio!

(Núm. 48)

«Eu já sei de Fonte, de Vida, de Amor... Porque, posta na boca do teu gerar divino, aprendi este saber tão profundo do teu eterno gerar; e vi como, em mananciais de ser, surgia o Verbo em resposta amorosa do teu dizer eterno. E ali, no abraço amoroso do Espírito Santo, eu me saciei em ti para sempre. Mas esta saciedade abriu em mim uma tal capacidade, que já só poderá saciar-se ao aparecer da tua glória eternamente». (De «La Iglesia y su misterio», pág. 97)



A presente vista ilustra uma das casas de verão em Navalperal de Pinares (Ávila), onde os membros de A Obra da Igreja desfrutavam suas férias em ambiente de família.

«984. Silêncio, adoração...!, que neste instante-instante de terribilidade de ser, de amor, de eternidade... está *sendo-se* Deus em seu *ser-se* a Família Divina e está beijando-se com a boca boa do Espírito Santo e, ao beijar-se, minha alma pequenina sente-se beijada, querida, mimada e afundada nesse sacro mistério do *ser-se* do Ser. E ali, no silêncio da Virgindade intocável, tremendo de amor, atônita, surpreende a Virgindade fecunda gerando a Figura da sua substância, na ocultação velada do beijo do Espírito Santo; beijo que minha alma possui e tem por participação para beijar Deus. (21-5-61)

305. Imersa no sacro mistério do Silêncio, vi que numa só e silenciosa Palavra estava dita toda a vida divina e humana, e então, impelida pelo amor, decidi-me não dizer nem pronunciar nenhuma palavra a não ser Esta; e, ó surpresa!, fiz-me tanto Palavra, que só sabia cantar a vida de Deus no seio da sua Igreja. (18-12-60)»

COM MINHA VISTA EU TE PERCO

Quando me afundo na luz
do teu infinito mistério,
minha pobre mente se perde,
ficando sem conceitos;

e então, e só então!,
introduzo-me no teu interior,
e descubro, com o teu Sol,
teu pensamento
na eterna transcendência
de teu Beijo.

E ali admiro a tua Verdade,
e ali adoro o que vejo
com a infinita pupila
com a qual Tu te olhas em zelo
na recôndita profundidade
do teu seio.

Mas, se pretendo olhar-te
com a minha vista no desterro,
sem saber como será,
eu te perco.

Por isso dá-me a tua luz
e teu fogo,
que é viver-te;
mais não quero.

Quando te olho na tua vista,
resplandeço.

(Núm. 61)

«1.726. Quanto eu sei de Deus, foi-me desvelado, não por força de refletir, mas no silêncio de todas as coisas de aqui, mediante o qual Ele me falou em seu *ser-se* Palavra, dentro do meu coração. (29-1-77)»

«E eu sei tudo isso porque, como sou pequenina, introduziste-me ali em teu Manancial. E, ao contemplar toda a comunicação impetuosa de simplicidade soberana e de silêncio calado, ficando estática diante do rumor das tuas cascatas, e ao sentir-me cativada, atraída e arrebatada pela formosura do teu Rosto, “todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram sobre mim”». (pág. 101)

REQUEBROS EM SILÊNCIO

Quando entendo os mistérios do Deus vivo,
eu o adoro e, em seu *Ser-se*, o venero,
em resposta que é um canto de louvor,
entoando meus cantares como posso.

Com promessas de acesos petições,
Deus é doce na profundidade do meu peito,
em requebros de conquistas silenciadas
que me deixam, com minhas noites, transcendendo.

Eu o chamo com clamores de amor puro,
e Ele responde com a brisa do seu vôo,
e se acerca com imenso poderio,
remontando minhas vivências a seu seio.

E ali vivo no silêncio o que Ele vive,
no toque delicado de seu Beijo.
Que palavras de requebros nos dizemos,
sem dizer-nos mais que amor de modo quedo!

O silêncio é o mistério de minha vida
com claustrais melodias de segredo.
Que sonoras são as vozes do Deus vivo!;
em minha profundidade pronunciadas eu as sinto.

Que zeloso é o Herói dos meus amores
que, em conquistas, me reclama por inteiro!
Se o busco, Ele se lança à minha chamada,
e me beija com cunhos de mistério.

Está dentro o meu Amador, sinto-o perto,
pois o tenho descansando e satisfeito.
Que me importam os penares da vida,
se respira meu Senhor dentro, no meu peito?

(Núm. 190)

Talvez tenha sido longa a citação de pensamentos, poesias e textos...
Mas deixou-se conscientemente nessa amplidão, porque, nada como as



*A Mãe Trindade recebe a Sagrada Comunhão das mãos do Bispo de A Obra da Igreja,
Dom Laureano Castán Lacoma (3 de junho de 1975).*

expressões da própria Mãe Trindade, ainda que veladas, podem fazer-nos intuir como e até onde Deus quis comunicar-se à sua alma para fazê-la «o Eco», em repetição do palpitar da Igreja.

Essas frases que lhe escapam como flechas vibrantes na imponente opressão do seu espírito, insinuam algo que só se pôde viver e que não se pode expressar adequadamente; nem pode ser quase intuído por quem não tenha tido parecida vivência. Pois para tentar penetrar nela, é preciso apoiar necessariamente o pensamento nas coisas de cá que não são as de lá, e que, por isso, inevitavelmente as desfiguram.

Qual pode ser o conteúdo real desse ser «*imersa no sacro mistério do ser-se do Ser*», e «*engolfada no Sancta Sanctorum da Eterna Sabedoria*»? Que significado encerra o «*surpreender o Ser eterno em ebulição infinitamente espiritual de luz e amor*» e a «*Virgindade intocável gerando a Figura de sua substância*»? E o «*ver com a eterna Pupila*» «*como surge o Verbo em mananciais de ser*»? E... e... Planos do Senhor em deramamento luminoso sobre a sua Igreja!, sempre surpreendentemente novos nas circunstâncias do momento, e sempre os mesmos no mistério de Cristo, «de cuja plenitude todos nós recebemos, graça por graça...». (Jo 1, 16)

Repleta da sabedoria do Imenso

Abrindo seus livros por acaso, qualquer dos capítulos que leiamos, pode dar-nos uma idéia da torrente de sabedoria que Deus derramou sobre a alma da Mãe Trindade e da profundidade à qual a quis levar na manifestação de seus mistérios.

Como amostra, pode servir-nos transcrever aqui alguns dos títulos de seus temas, de suas poesias ou dos que intitulam séries de pensamentos em «Frutos de oración»:

- Deus é a Vida por *ser-se* o Ser subsistente em si mesmo
- O saber-se, em Deus, é *ser-se*
- Infinitude
- Deus *se é* o Silêncio
- Os atributos, em Deus, não são Pessoas
- Deus *se é* Pessoas por *ser-se* o Entendimento infinito em subsistência eterna

- A razão de ser da Pessoa do Pai
 - O grande mistério de Deus
 - O grande mistério da Encarnação
 - O Cristo Grande de todos os tempos
 - Plenitude do Sacerdócio de Cristo
 - Maria é um portento da graça
 - Mãe da Igreja
 - O sacerdócio de Maria
 - O Sacerdócio de Cristo participado pelo homem
 - O grande momento da Consagração
 - O rosto da Igreja
 - Participação da vida divina
 - O gozo da cruz
 - Teologia viva
 - O respirar do Deus vivo na profundidade da alma
 - O Amor beija em silêncio
 - Oração e apostolado
 - Testemunhas vivas da Igreja no meio do mundo
 - Filhos de Deus e irmãos em Cristo com todas as conseqüências
 - Deus é a Eterna Virgindade
 - Fecundidade da Virgindade
 - O amor puro no Céu
 - O amanhã da Eternidade
- Etc., etc., etc.

Com efeito, não só destes temas, mas de centenas como estes, fala e escreve a Mãe Trindade, ampla e detalhadamente, com diversos matizes, com uma profundidade e exatidão teológicas que assombram, em suas seiscentas palestras recolhidas em fitas magnéticas, nas quase trezentas em vídeo e nos mais de trinta tomos que contêm os seus escritos. E isso sem ter lido um só livro de teologia, nem de letras, filosofia ou ciência, e tendo passado a sua juventude, até o ano de 1959, atendendo numa loja ou cuidando do seu irmão em Madri.

Imensamente consciente da sua pequenez humana e do infinito poderio de Deus, formula neste pensamento uma das atitudes fundamentais de seu espírito:

«1.098. Minha grande riqueza é não ter nenhuma riqueza humana; minha grande riqueza é não ser, não poder, não saber, não servir; é ser pequena, pobre, desvalida, não tendo ciência, nem

sabedoria humana, que estorve o dom infinito de Deus depositando na minha pobreza a sua riqueza, na minha pequenez a sua grandeza, no meu nada o seu tudo, na minha morte a sua vida, na minha ignorância a sua sabedoria e ciência. (19-4-64)»

Palavra com o Verbo

Voltando ao significado do ano de 1959, deve-se dizer também que, a partir de então, ao mesmo tempo que o pensamento divino inunda em sua luz a alma da Mãe Trindade, uma força interior, contra a qual ela luta e à qual não pode resistir, impulsiona-a a expressar o que vê:

«786. Quando a Palavra do Pai é pronunciada na minha alma em vontade infinita de que eu rompa em canção, é o Espírito Santo que referve no meu peito, abrindo-me para receber a doação do Eterno e fazendo-me romper, no amor de seus fogos, em canção de Igreja viva para os homens. (25-4-78)

1.020. Sinto a necessidade de expor os poemas do meu coração, abraço-me em ardores por decifrar as suas vivências, con-



*A Mãe Trindade
com Dom Ragonese,
Bispo Auxiliar
de Roma, no dia 6
de novembro de 1977,
na inauguração da casa
de A Obra da Igreja
em Via Rodi, Roma.*

sumo-me em ânsias de manifestar meus contatos com o Eterno, porque o fogo de Iahweh é, dentro de mim, ímpeto infinito de explicação canora. (9-12-72)

1.015. Toda a minha alma arde em necessidade de manifestar o Infinito, porque eu me sinto Igreja Católica, Apostólica e Romana e tenho que cantar a alegria e felicidade de meu Pai Deus. (15-9-63)»

PUNGENTES SÃO AS TUAS PALAVRAS

Por que pões quanto queres
no fundo do meu peito,
como carvão aceso
de cauterizante anelo?

Por que o teu atuar é dizer-me
conversações de Imenso
com cunhos de afazeres
que eu devo cumprir-te logo?

Pungentes são tuas palavras,
como incisões de fogo!,
que me imprimem lentamente
teus infinitos desejos.

Teu querer é, em minha profundeza,
profundo como os zelos,
e, ainda que tente resistir,
teu amor dobra meu empenho,

por ser quanto Tu me pedes
tão constante como o Céu,
que não muda enquanto busca,
por ser teu dizer eterno.

Inútil que eu resista;
tua Palavra é como fogo!

(Núm. 188)



Casa de Apostolado de A Obra da Igreja em “el Pinar de las Rozas” (Madri), onde todos os anos centenas de pessoas descobrem o verdadeiro rosto da Igreja guiadas pela palavra da Mãe Trindade.

Riqueza da Igreja

Deve dizer também que tudo o que contemplou e viveu, ao ser introduzida por Deus na profundidade da sua vida e na grandiosidade infinita do seu derramamento para fora, é a vida da Igreja, a sua verdadeira riqueza, a formosura que a envolve e o manancial que brota das suas entranhas para saturar de divindade todos os homens da terra:

«743. És toda formosa, Filha de Jerusalém; estás engalanada com a Santidade infinita de Deus que te envolve, penetra e satura, tendo em ti, por Cristo, «todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento» de Deus. (21-3-59)

748. Que alegria tão grande que, no seio da Igreja, esteja a riqueza de Deus, tão maravilhosamente, que as três divinas Pessoas se entregaram a ela como presente de amor no dia das suas bodas! (25-5-59)

750. Minha Igreja, o Pai te dá sua Palavra para que te abra seu seio amoroso, o Verbo te diz, num romance de amor de inédita ternura e infinita misericórdia, todo o segredo da vida eterna, e o Espírito Santo te abraça em seu fogo, depositando em ti seus tesouros e carismas, para que, por meio de ti, as almas vivam sua filiação divina e metam-se no Seio do Pai. Minha Igreja, que formosa és!, quanto te amo! (21-3-59)»

«Minha Igreja, que formosa és...! Toda formosa és, Filha de Jerusalém.

“Teus olhos são pombas”, porque o teu olhar é com o mesmo olhar do Pai.

Tua boca é toda doce, suave, porque a tua boca é o mesmo Verbo Encarnado que, rompendo em Palavra, sai e se esparrama sobre nós, por ti, em divino cantar de eternas e infinitas perfeições.

Minha Igreja, estás acesa. “As tuas faces são como a metade da romã”, avermelhadas pelo fogo mesmo do Espírito Santo.

És “exército em batalha”, rainha com a tua realeza recebida do mesmo ser de Deus, forte com a mesma fortaleza do “Leão de Judá.”» (pág. 419)

«754. Um manto real de sangue envolve minha Igreja Mãe; um manto real que seu Esposo, Cristo Jesus, doou-lhe no dia de suas bodas eternas, já que, enlouquecido de amor por ela, deu-lhe como presente seu sangue divino, com o qual pudesse perdoar e divinizar todos seus filhos. (14-11-59)»

«Quis o Amor dar uma Mãe à sua Igreja santa, e para dar-lha segundo Ele mesmo necessitava, primeiro a fez para Si mesmo, para poder-nos dar a sua mesma Mãe.» (pág. 429)

«757. Ó que formosa é Maria...! Mas se ainda é mais rica a Igreja...! porque em sua Cabeça é o Unigênito de Deus, o mesmo Verbo da Vida encarnado, que tem consigo o Pai e o Espírito Santo, com Maria como Mãe de todos os homens. (20-3-59)

700. Imaginemos, por um lado, a Trindade vivendo sua vida; por outro lado a humanidade; no meio Maria. Uma das três divinas Pessoas –o Verbo–, vem ao seio da Virgem e une-se a uma humanidade, trazendo consigo o Pai e o Espírito Santo. Esta humanidade enxerta em si, misteriosamente, todos os homens. E, assim, na Mãe de Deus, começa a realização do grande mistério da Igreja. (12-1-67)»

Igreja rasgada e de luto

Não só contempla a Igreja na sua riqueza, «...engalanada e adornada de jóias com a mesma Divindade, que sobre ela se derrama em catartas de ser e em trindade de pessoas» (745), «...cheia de sabedoria e forte como exército em batalha ao contato do beijo infinito do Espírito Santo» (775), «que a faz Virgem-Mãe de todas as almas» (777), para que dê a todos os homens a vida infinita «com coração de Mãe e amor do Espírito Santo» (857); mas a deve ver rasgada e de luto, desfigurada pelos nossos pecados, abandonada pelos seus próprios filhos, «guardando a sua pena no silêncio da incompreensão» (803):

«798. No seio da minha Igreja há umas cavernas abertas sem cicatrizar, sangrando, na espera do seu enchimento com a volta dos filhos que a deixaram ferida, rasgando as suas entranhas ao ir embora do seu seio de Mãe... (14-11-59)

801. A Igreja está de luto pelos filhos que foram embora da Casa paterna. Como chora a Igreja por esses filhos perdidos...! Todo aquele que palpita com ela, tem que estar de luto e triste, porque do seio desta Santa Mãe arrancaram, levando-as embora das suas entranhas maternas e deixando-as rasgadas, as ovelhas do Bom Pastor. (30-3-59)

802. Enquanto a Igreja está sangrando e rasgada, muitos dos seus membros estão buscando a felicidade nas coisas terrenas, em vez de compenetrar-se com ela e participar da sua dor. (14-11-59)

800. Minha Igreja, quem poderá consolar a tua dor...? És Raquel que está chorando pelos seus filhos mortos, os filhos que foram embora da Casa paterna... E, em teu Getsêmani, choras também a tibieza, frialdade e desamor de muitas das tuas almas consagradas. (14-11-59)»



Capela da Casa de Apostolado de “el Pinar de las Rozas” (Madri).

Nada melhor que este poema pode expressar o contraste de gozo e dor que a riqueza e a tragédia da Igreja imprimem na sua alma:

AINDA QUE TE TENHA VISTO TRISTE

Ainda que te tenha visto triste,
morena e desfigurada,
ocultando-te em teu luto
e em terra esbofeteada;
atrás de tua tristeza e de tua angústia,
atrás de tua entranha rasgada,
percebo em tuas pupilas,
em tua profunda olhada,
uma luz tão infinita
que me deixa subjugada.

É a olhada do Verbo
que, em cintilantes chamas,
rebenta por tuas pupilas
em sapienciais palavras;
expressando num concerto
de melodias sagradas,
as perfeições eternas
daquele que em teu seio se arremansa.

Ainda que na minha oração, às vezes,
te veja tão ultrajada,
sempre entrevejo em tua vida
a riqueza que te invade,
as Águas em que te submerges,
ao olhar-te em tua olhada.

Igreja, como te vejo...!:
tanto divina como humana!,
sendo o Verbo aquele que se expressa
quando tua canção proclamas;
enquanto que eu te contemplo
toda em teu ser impregnada
de eterna sabedoria
por tua divina Palavra;
cheia de infinitos dons
e em Caridade cumulada,
quando te olho em tua profundidade,
ainda que me ocultes tua cara.

E ainda que te queiras mostrar
a meu ser tão ultrajada,
jogada no chão e chorosa,
arquejante e encurvada,
tu sabes que te conheço;
e que, por muito humilhada
que ante mim tu te apresentes,
vejo em tua pena calada
o Esposo que, em teu seio,
descansado, se arremansa.

Pois ainda que sei que estás triste
e em teus membros desterrada,
também sei que és gloriosa
na Festa daquele que amas.

Igreja, que formosa és...!
como Esposa engalanada,
rodeada pelos filhos
que, chegando na manhã
ao dia eterno de Deus,
em seu festim te presenteiam.
E «ali», sem véu de luto,
sem tua face desfigurada,
sem tua olhada entre pranto,
com tuas têmporas coroadas,
te vejo fluindo em Luz
de rompentes cataratas,
abrasada e repousando
no peito daquele que amas.

São tuas faces luzeiros
por onde o Sol se derrama,
como vulcão aceso
em refrigerantes chamas.

Te vejo cheia de filhos,
como virgem desposada,
palpitante e sobejando,
como Esposa enamorada,
do manancial infinito
da felicidade que em ti brota.

Igreja, és a mesma...!
ainda que te veja jogada,
ainda que me peças ajuda...

E ainda que me ocultes tua cara,
envolvendo-te em teu manto
como mulher abandonada,
eu sei olhar em tua angústia
a formosura que te invade,

a beleza do Deus vivo
que, atrás de tuas noites, me fala.

Por isso, quando te olho
nesta terra manchada,
e te querem destronar,
ainda que sem sucesso,
minha alma arrebenta em pranto
por tua dor afogada,
diante do amor que tenho por ti
e a união que a ti me abraça,
no meio da treva
de densas noites fechadas
e repletas de dor
em que te vê minha alma...



A Mãe Trinidad transmite sua profunda vivência do mistério da Igreja pela sua palavra cheia de fogo e profundidade teológica (24 de março de 1979).

Igreja, levanta-te!
e descobre tua cara!
Tira teu véu de luto!,
apresenta-te cumulada!,
e esmaga com teu poder,
com a luz de teu olhar,
a soberba que te cospe
em tuas faces sagradas...!

Levanta-te, Igreja!, pronto!,
que a confusão avança
e se assustam os pequeninos
com a doutrina que engana!

Descobre-te pronto, Igreja!,
e com tua força arrebatada
os corações simples;
ao mesmo tempo que esmagas
a soberba dos grandes
com tua divina Palavra...!

Levanta-te, Igreja, não tardes!,
hoje to implora minha alma!,
que se me pedes ajuda,
todo meu ser está em guarda,
esperando que Deus fale
dizendo-me sua palavra.

Eu irei aonde Ele me mande,
eu correrei sem tardança,
mas não te quero ver
com tua face desfigurada,
jogada no chão e chorosa,
ofegante e encurvada...!

Joga fora teu véu de luto!,
anda, Igreja, Mãe amada!,
e mostra-me novamente
por tua infinita Palavra
as riquezas do Excelso,
a beleza que te embarga,

a riqueza do Deus vivo
que atrás de tuas noites me fala...

Anda, Igreja, não tardes,
que minha alma é zelosa,
pela glória do Coeterno
e da sua Esposa ultrajada;
e se lhe pedes ajuda,
com sua milícia está em guarda!

(Núm. 56)

Voz que proclama uma urgente renovação

O contraste dessa dupla realidade de Igreja gloriosa e desterrada, vestida de festa e de luto, resplandecente de Divindade e afeada pelos pecados de seus filhos, repleta de vida e rasgada nas suas entranhas maternais, faz-se na alma da Mãe Trindade grito urgente que proclama e reclama uma renovação:

«799. Os irmãos separados saíram da Igreja por não conhecerem a felicidade infinita que tem em seu seio, e porque nós, os que somos Igreja, ao não vivermos profundamente das suas riquezas, temos desfigurado a face formosa desta Santa Mãe. (14-11-59)

836. É preciso que se reavive o dogma entre os membros da Igreja, para que todos seus filhos, vivendo seu ser de Igreja, entrem em intimidade com a Família Divina. (21-3-59)

837. Minha alma sente grande necessidade de que conheçam a minha Mãe Igreja tal qual é: em sua vida, em sua formosura, em sua tragédia e na riqueza que em seu seio se encerra, que é Cristo, trazendo-nos, por Maria, a mensagem eterna da Trindade, como riqueza infinita, para que, ao olhá-la, vejam o rosto de Deus nela. (21-3-59)

1.775. É necessário que se ponha a teologia ao alcance de todos os filhos de Deus, dando-a escaldada no amor para que vivam em intimidade com a Família Divina. (21-3-59)



A Mãe Trindade depois de comungar, aprofundada e transcendida em união íntima e reverente com Jesus no seu peito. Festa da Santíssima Trindade de 1980.

838. É preciso apresentar a Igreja com toda a sua formosura, vivendo a vida da Trindade, de Cristo e de Maria, mediante uma grande caridade, para que venham todos os filhos separados, que foram embora do seio desta Santa Mãe, porque nós, os que somos Igreja, a eles não a apresentamos em toda a sua beleza. (21-3-59)»

«Quer também o Senhor... que exista como uma revolução cristã dentro da Igreja, de maneira que ela seja apresentada a todos os cristãos com toda a sua riqueza, como quando os Apóstolos romperam cantando tão contentes com o Verbo». (21-3-59) (De seus escritos inéditos).

O Eco da Igreja

Este passo de Deus em derramamento de luz e amor sobre o mistério da Igreja, em impulso irresistível de manifestá-lo aos homens, em grito rasgador diante da sua tragédia e em petição urgente de uma profunda renovação, deixou como cunhada a alma da Mãe Trindade com um selo, com uma vocação, com uma missão dentro da Igreja:

«1.023. Eu sou “o Eco” da minha Igreja, que tem que estar sempre repetindo a Voz que em si recebe; Voz que a Igreja tem em seu seio, que é o Verbo. Por isso eu não necessito nem tenho nada novo que dizer ou ensinar, não; eu sou só “o Eco”, que se deixa ouvir em repercussão, do canto da Igreja. (20-4-64)

1.024. Sou o “Eco” da Igreja, porque seu viver, sua missão e sua tragédia são o viver palpitante de minha *alma-Igreja* em expressão de eco. (4-5-75)

1.016. Esta é a minha vocação, esta é a minha chamada: ser Igreja e fazer de todos Igreja. (15-9-63)

1.953. A minha missão é cantar, cantar...!, cantar a riqueza da minha Igreja! Para outra coisa não tenho tempo nem lugar no meu espírito. (2-6-65)»

ECO EM REPETIÇÃO...

Brotam da minha mente belos pensamentos,
ternuras e afãs, requebros de amor;
quero, em minhas saudades, dizer quanto entendo
pelo grande mistério da Encarnação.

Palavras eternas ouço no meu interior,
vozes do Deus vivo que, em conversação,
dão-se e retornam com doces amores,
nas contenções da sua perfeição.

Sóis são os Olhos do Pai sábio,
labaredas de fogo que, em seu resplendor,
olhando para dentro em seu possuir-se,
sabe num saber-se que o faz ser Deus.

Nada há tão simples, tão doce e secreto,
como as candentes labaredas do Sol;
mas há que entrar dentro do *Sancta Sanctorum*,
onde, nos arrulhos do eterno Amor,
beija-se o Imenso dentro da sua entranha
no grande mistério de sua possessão.

Fervem na minha mente ternos pensamentos,
surgem em caudais de minha contenção...
E, por mais que digo, não rompo o encerro
daquilo que entendo quando me fala Deus!

Ele fala à minha alma junto ao meu sacrário,
em tempos calados de contemplação.
E, nas melodias de umas notas doces,
entendo Maria na Encarnação;
penetro seu Advento secreto e silente,
cheio de romances em beijo de Deus.

E em Belém recebo o Deus feito Menino,
que pede chorando minha resposta em dom de entrega,
o mesmo que um dia, orando no Horto
com profundos lamentos em sua prostração,
queixou-se à minha alma, pedindo-me ajuda
na noite triste da imolação.

Junto ao meu Sacrário tudo fica claro
e comunicado em explicação.

E sei que, se morre Cristo entre ladrões,
é pela excelência da sua perfeição,

que, mostrando amores, disse quanto amava
por seu *ser-se* Imenso doando-se em amor.

Tudo fica dito junto ao meu Sacrário,
que, em ternos colóquios de silente dom,
desvela os véus que oculta o mistério
e vai descobrindo sua eterna missão.

Que ninguém pergunte à minha alma ferida
como aprendi e quem me ensinou
todos os mistérios de minha Mãe Igreja:
É que sou seu Eco em repetição!



A Mãe Trindade com o Bispo de A Obra da Igreja, Dom Laureano Castán Lacoma, o Cardeal Ugo Poletti, Vigário Geral de Sua Santidade para a Diocese de Roma, o Bispo Auxiliar, Dom Remigio Ragonesi, e um grupo de consagrados de A Obra da Igreja, com Sua Santidade o Papa João Paulo II (18 de janeiro de 1981).

Que o saibam todos, quando eu morrer:
que, em minhas solidões, pela incompreensão,
matou-me a pena que envolveu o silêncio,
porque minha mensagem não se recebeu.

Que venham meus filhos e digam meu canto,
e porque minha vida sempre foi a dor;
e é que, nos silêncios de um Sacrário em noite,
aprendi adorante porque Deus morreu!

Eu vi que calava gemendo em amores,
sendo-se Palavra, Luz de eterno Sol.

(Núm. 245)

O que pode sugerir uma simples mas direta manifestação

Simples, breve, quase timidamente, como quem não diz nada, mas tendo que expressar uma realidade muito forte, sem faltar à verdade e cumprindo uma obrigação de justiça para com Deus que assim quis as coisas, porque a Ele pareceu-lhe bem, a mesma Mãe Trindade resume, na Introdução do livro «Frutos de oración», o que foi na sua vida o ano de 1959 e o que nela realizou-se a partir de então:

«A partir do ano de 1959, em longos tempos de oração, Deus foi-me manifestando, de uma maneira profunda, calorosa e viva, a riqueza da Igreja com sua vida, missão e tragédia, descobrindo-me, em sapiencial sabedoria, a intercomunicação familiar e de lar das divinas Pessoas, o mistério transcendente de Cristo em sua Encarnação, vida, morte e ressurreição, e a formosura cintilante de Maria como Mãe do Verbo encarnado e da mesma Igreja.

Também, no ano de 1959, Deus imprimiu no meu espírito que devia-se fazer uma revolução cristã no seio da Igreja, e que dever-se-ia dar a teologia viva e escaldada no amor, apresentando a todos os homens o verdadeiro rosto da Igreja cheia de formosura e plenitude, cheia de juventude e de frescor, cheia de santidade e beleza. Tão cheia, tão plena, que a riqueza infinita e o manancial eterno de suas inesgotáveis fontes, é o Pai, o Filho

e o Espírito Santo, vivendo e morando nela na comunicação do seu Lar infinito; mostrando-me também seus planos eternos para o homem, deslumbrantes de amor infinito e derramamento.

Compreendi tanto, tanto..., tanto!, na minha pequenez, que a língua humana nunca o poderá expressar pela distância infinita que existe entre aquele que *se É* e nossos limitados recursos. Mas, diante da consciência clara que tenho de ser o “Eco” da Igreja, sinto-me impulsionada a expressar por todos os meios que estão a meu alcance, o descobrimento que de todas essas realidades o Eterno fez à minha alma para que o comunique».

Duas realidades paralelas que Deus pensou e quis convergentes

O primeiro pensamento, em ordem cronológico, que aparece no livro «Frutos de oración», traz a data de 25 de janeiro de 1959.

Nesse mesmo dia, o Papa João XXIII, «acolhendo –como ele escreveu– uma voz proveniente do alto» e «seguindo um desígnio superior da divina Sabedoria, adequadamente intuído, recebido e desenvolvido», anunciava, na Basílica de São Paulo fora dos Muros, a celebração do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Aquela idéia que surgiu na mente do Papa, «humilde como uma flor do campo», «pequena como uma semente» –segundo ele dizia–, foi-se desenvolvendo maravilhosamente. O mesmo Santo Padre foi delineando e manifestando os fins do Concílio ao longo dos três anos que precederam à sua inauguração solene.

São tais as coincidências destas manifestações com o que, a partir de 25 de janeiro de 1959, tão fortemente Deus infundia, fazia viver e impelia Mãe Trindade a expressar que, se não tivesse ela plasmado essas vivências muito antes de que o Papa fosse delineando os fins do Concílio, teriam parecido desenvolvimento das idéias do Sumo Pontífice. Têm, além disso, tanta profundidade, precisão, viveza e amplitude, que, ainda que tivessem sido escritas posteriormente, levariam em si mesmas o selo de sua autenticidade.

Existem testemunhas de tudo isto, que ficaram impressionadas ao ver depois, repetidas pelo Papa e pelo Concílio, as grandes linhas que a Mãe Trindade traçara diante de seus olhos já no ano de 1959.

Seria tremendamente esclarecedor ir fazendo uma comparação entre as manifestações dos Papas João XXIII e Paulo VI sobre o que deveria ser o Concílio e os escritos da Mãe Trindade a partir de 25 de janeiro de 1959.

Dois acontecimentos que Deus suscitou na Igreja num mesmo dia, que estavam unidos no seu pensamento, e que Ele quis fazer convergir com força imponente quando fazia a Mãe Trindade exclamar, aos 21 de março de 1959: «*O Concílio vem para isto*» –para que se realizasse na Igreja quanto Deus lhe mostrava–, e quando a impelia também a ir «*com tudo ao Papa*»!

Não sei se estou já beirando perigosamente o último dos riscos que aponteí no princípio.

Mas qualquer um poderá compreender o terrível muro que se levantava diante daquela jovem de trinta anos, sem mais apoio humano que o do seu confessor, do seu pároco e de algumas amigas, para fazer chegar a quem é a Cabeça visível da Igreja quanto Deus para ele lhe comunicava.

Mas a força do alto rompeu barreiras, derrubou obstáculos, abaixou muros e fez atravessar fronteiras.

Muitas das pessoas que foram testemunhas desta despercebida epopéia ainda vivem, outras já morreram. Também vivem algumas e morreram outras das que sabem ou souberam que só a vontade livre dos homens é capaz de desviar os caminhos retos do Senhor.

Quantos penares ocultos podem fazer-nos intuir pensamentos como estes:

«814. Como custa a cruz quando esta não se compreende, quando está fora da margem dos nossos cálculos, quando não parece vontade de beneplácito de Deus e, por isso, rasga a alma, de tal modo que, aceitá-la, parece conformar-se com aquilo que uma crê que não é vontade de Deus! Como poder gozar nesta espécie de imolação?! E, como não abraçar, por amor, tudo o que supõe crucificação pela Igreja? (2-10-76)»

Eco de perene ressonância

Inaugurou-se o Concílio como uma nova primavera de esperança. Passou deixando seus frutos. Seguiu-lhe uma época de graças divinas e de tempestades e convulsões suscitadas pelas fraquezas e desvios dos homens.

Deus, todavia, quis que a Mãe Trindade continuasse sendo «*o Eco*» que deve estar repetindo a voz que em si recebe «*e que se deixa ouvir em repercussão do canto da Igreja*».

O Senhor seguiu descobrindo-lhe, como em círculos concêntricos, cada vez mais e mais amplos, a vida, a missão e a tragédia da Igreja. Quanto esplendor, quanta riqueza, quanto brilhantismo, quanto poderio teve que contemplar a Mãe Trindade no rosto da Filha de São...!

A sua canção de Igreja se fez ainda mais profunda, mais melodiosa; plena de novos e riquíssimos matizes. Seguiu alçando-se enamorada e acesa, como chamada de Deus a todos os cristãos e a todos os homens da terra para que viessem a viver e a beber no grande festim que, com amor infinito, o Pai de famílias tem preparado para todos seus filhos:

«Minha Igreja santa é a Trindade na terra em expressão divina e humana.

Minha Igreja é a Fala de Deus aos homens.

Minha Igreja é meu Deus com coração de Mãe.

Minha Igreja é minha Mãe com coração de Deus!

Minha Igreja!, se não te posso olhar... Porque és tão formosa, tanto!, que eu jamais poderei dizer a alegria eterna da felicidade infinita que em teu seio se encerra. És ânfora preciosa repleta de Divindade; o manancial por onde a divina Sabedoria se dá em Canção sangrenta de Amor infinito aos homens; a única depositária do todo o segredo de Deus para seus filhos. Em ti está encerrado “o Mistério escondido desde os séculos em Deus, Criador de tudo, para que seja manifestada agora, mediante a Igreja, a multiforme sabedoria de Deus, segundo o desígnio eterno, realizado em Cristo, Senhor nosso”». (págs. 423-424)

«788. A Igreja é um mistério de unidade; por isso está regida pelo Espírito Santo, que é a união do Pai e do Filho, de todos os homens com Deus e de todos os homens entre si com Deus. (22-11-68)

793. O Espírito Santo ficou com o Papa e com os Bispos que, unidos ao Papa, têm seu mesmo sentir e sua única unidade, para que a Igreja seja uma na unidade de Deus. (22-11-68)



A Mãe Trinidad em 1982.

794. Ó maravilha da infalibilidade do Papa, que é capaz de congregiar todos os homens num só pensamento, e expressar-lhes com segurança a vontade infinita de Deus através da sua palavra de homem! (25-10-74)»

Mas, em sua missão de «Eco» teve que ir vendo também a Igreja envolta no terror da noite, jogada no chão como Cristo em Getsêmani, sendo como demolida por seus próprios filhos, e desconjuntada em espantosa tortura:

«805. A nuvem de confusão que caiu sobre a Igreja, envolvendo-a em dores de arrepiante desolação, a faz caminhar para um doloroso Getsêmani. Clamemos com Cristo e com a Igreja: “Padre meu, por que me abandonaste?” (11-3-75)

807. A Igreja hoje, como Cristo no Horto, jogada no chão, desfigurada e num trágico desamparo, dirigindo-se a seus filhos, pede-lhes ajuda para levantar-se; e a maioria deles estão dormidos e inconscientes diante do seu terrível agonizar. (17-12-76)

811. Eu não quero que se desconjunte a Igreja numa arrepiante tortura que a faz jorrar sangue pelos seus membros vivos...! Eu não a quero ver assim, escutando desde longe a zombadora gargalhada dos soberbos perseguidores da minha Igreja santa, do meu Cristo Total! Eu sei sua perpetuidade, sua indissolubilidade, e também sei que Deus está em zelo pela glória da sua Amada. (20-1-76)»

Sob a sombra da cruz

Qualquer um pode imaginar que a vida da Mãe Trindade, nem foi, nem está sendo fácil.

Os caminhos pelos quais o Senhor a conduziu desde o princípio, foram, sim, caminhos de amor, de luz e de doação. Por isso, caminhos de gozo e felicidade, porque *«a suprema felicidade consiste em viver daquele que É, e isso faz “como tão infinitamente ditoso”, que não deixa lugar para regustar e apetecer outra felicidade»*.

Mas, qualquer um que voltasse a recorrer estes caminhos com a lembrança, ou guiado pelos escritos da própria Mãe Trindade, os veria ou intuiria regados com sangue do coração; e neles se encontraria, como

numa via dolorosa, com «estações» que terminam num monte Calvário, onde não se sabe o que pode ser mais perfurante, se a agudeza dos cravos ou o eco daquela palavras de Jesus: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?».

Paradoxalmente, também, por isso, encerram um desconhecido segredo de dita e alegria.

«1.462. O segredo da cruz encerra um grande deleite, e este é saber que estamos nela com Cristo, o qual, por nosso amor, morreu crucificado. (1-2-64)

1.465. No padecer, encontrei a dita de amar o Amor por amor ao seu amor. Que alegria poder amar assim! (8-8-71)

1.484. Na cruz está o Amor, e ali me espera para abraçar-me. Mistério que só compreende a alma que descobre Cristo crucificado! (13-11-76)»

Assim a cruz foi companheira inseparável da sua vida.

Primeiro concretizou-se numa vontade monolítica de seguir o Senhor até a morte. Sem essa vontade, qualquer um teria sucumbido às primeiras dificuldades, às segundas, às terceiras ou às quartas... Tais foram os tremendos obstáculos que teve que suportar por motivo daquela primeira chamada do Senhor e que, em alguns aspectos, não diminuíram com o transcorrer dos anos!

Depois, os doces ensinamentos de Jesus no sacrário, e seus indizíveis amores, trançaram-se com sonhos profundos do Senhor na alma, com longas ausências, e noites profundas.

Isso permitiu-a captar, viver e poder comunicar as solidões de Jesus no sacrário, e o amor e a dor que encerram as suas incansáveis esperas.

«927. Jesus, te sentes só? Olvidaram-te os que amas? A sua inconsciência os aletargou! Mas Tu esperas sem cansar-te, sem ir-te, por se acaso, em seu olvido, voltaram a recordar-te com nostalgias... (1-5-77)

920. O Amor infinito não sabe de cansaços, de traições nem de olvido. O Amor é assim... ama! (25-10-68)

917. A solidão silente do sacrário me enlouquece, diante do Amor infinito na espera incansável de amor. (29-1-73)»

Chegou o momento das grandes comunicações. Submergida no Manancial mesmo da Felicidade, soube de Júbilo infinito, de Alegria canora, de Amor ditosíssimo, de Paz inalterável... porque tudo isso, em infinitude, o é Deus.

Mas aquele saber, dava-se-lhe, não só nem fundamentalmente, para pregustá-lo e saboreá-lo na mais recôndita intimidade do espírito. Comunicava-se-lhe para que o transmitisse, fazia-se-lhe ver para que o manifestasse, e dava-se-lhe a viver para que, em sua «loucura» de amor, cantasse e contasse aos homens que Deus era a Vida, e como vida infinita queria comunicar-se-lhes, quando os chamava a viver de seus mistérios.

E diante do fogo de Deus que lhe abrasava as entranhas da alma em urgências por dá-lo a conhecer, teve que saborear a amargura indizível da Palavra não recebida: tragédia do Homem-Deus, que participada por Maria como Mãe da Igreja, perpetua-se nesta durante todos os tempos.

«642. Buscando o Amado, encontrei-me com Ele e lhe disse: Amor, por que sofres? —Por falta de amor ao meu amor. (16-3-63)

643. Que tens, Cancioneiro de minha Trindade una...? —Dor por *ser-me* a Canção não recebida! (11-11-59)

638. Na minha pequenez, experimento algo da amargura que experimentaria Jesus na “hora do poder das trevas”... Que mistério tão terrível e desolador o da sua alma! Só pelo poder de Deus, que o sustentava em cada instante, pôde viver trinta e três anos sem morrer de amor e dor em cada um dos momentos da sua vida! (11-12-74)

809. Que triste é ver a Igreja em seu arrepiante Getsêmani, sendo como demolida pelos seus próprios filhos...! Que triste é vê-la assim...! Quanto sofro...! Mas nisso encontro o consolo de uma torturante imolação pela mesma Igreja. (25-4-75)»

Quando Deus começou sua atuação mais profunda na alma da Mãe Trindade, obrigando-a fortemente —como a Jeremias— a comunicá-lo, era o ano de 1959. Faltavam, portanto, anos até que o Concílio expressasse com tanta clareza que «o Espírito Santo... reparte entre os fiéis graças de todo gênero, mesmo graças especiais com que os torna aptos para realizar... obras... que contribuem para a renovação e maior incremento da Igreja» e que «estes carismas, tanto os extraordinários como os mais sim-



Dom Mário Tagliaferri, Núncio de Sua Santidade na Espanha na sua chegada em visita À Obra da Igreja, no dia 7 de dezembro de 1990, acompanhado pelo Bispo de A Obra da Igreja, Dom Laureano Castán Lacoma e pela Mãe Trinidad.

ples... devem ser recebidos com gratidão e consolação». (Const. Dog. «Lumen Gentium», 12)

Tampouco tinha escrito ainda o Concílio que também a «tradição oriunda dos Apóstolos, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo: cresce, com efeito, a compreensão tanto das coisas como das palavras transmitidas... pela íntima compreensão que desfrutam [os crentes] das coisas espirituais». (Const. Dog. «Dei Verbum», 8)

Santa Teresa de Jesus, Santa Catarina de Sena e Santa Teresa do Menino Jesus não tinham sido declaradas Doutoradas da Igreja, e muitas mentalidades estavam predispostas por causa da interpretação abusiva da frase de São Paulo: «As mulheres, na Igreja, calem».

Quem iria escutar aquela mulher, de apenas 30 anos, sem apoios humanos, sem avals de títulos conseguidos em famosas universidades, que alçava sua voz solitária para falar do Mistério Trinitário como riqueza essencial da Igreja, de que tinha que levar os cristãos à intimidade com a Família Divina, e mostrar o verdadeiro rosto da Igreja, reavivar o dogma e dar a teologia esquentada no amor?

A sabedoria justificava-se por si mesma. Por isso ninguém pôde acusar a Mãe Trinidad da mais mínima inexatidão teológica. Mas, ainda que

a ação de Deus era clamorosamente evidente, foram muitos os ouvidos surdos, muitos os indiferentes, e teve que escutar também «conselhos» de que calasse, e interpelações: «Como se atreve a tocar estes temas...?!» «Com que autorização fala...?!» («que venham e mo perguntem a mim»), foi a contestação do Bispo da Diocese); e outras muitas coisas, duras de escrever e dolorosas de recordar.

Que medo...!, que espanto...! para uma pessoa que nunca soube do mundo dos grandes. Tudo porque a sábios e prudentes era «muito custoso receber tantas e tão grandes lições de uma mulher».

Mas não por isso o Senhor deixava de introduzi-la uma e outra vez na dor do seu coração traspassado pela indiferença e o desamor, nem a Igreja deixava de mostrar-se-lhe rasgada e vestida de luto, jogada no chão como Cristo em Getsêmani... E essa contemplação era uma cruz com cravos mais perfurantes do que todas as incompreensões dos homens.

«815. Onde eu via, minha cruz virá comigo, incrustada na medula profunda da minha alma. Minha cruz é meu Cristo crucificado, com todo o mistério de seu ser e de seu atuar, infundindo-se-me em petição de co-redenção. Minha cruz é minha Igreja gloriosa e desterrada palpitando no meu coração com sua vida, missão e tragédia, e fazendo-me repetição carregada de penas que, em eco, quer manifestar-se palpavelmente aos homens. (9-4-75)

816. Minha Igreja, tua nuvem envolveu-me, e por isso, meus passos pela tua noite ficaram cortados, e a duras penas, unidas, caminhamos... Mas amanhã surgirão teus cantares, e contigo teu “Eco” ressoará gozoso em glórias do Deus vivo! (24-2-78)»

A intuição desse ressurgir da Igreja num glorioso amanhã leva implícito o conhecimento dos porquês da sua prostração e o descobrimento dos caminhos da sua autêntica renovação.

«O silêncio é aquele que guarda o segredo dos grandes mistérios», escreve a Mãe Trindade referindo-se à maternidade virginal de Maria, que a Senhora vivia no silêncio do seu advento.

Quantos porquês, quantas intuições de caminhos simples repletos de amor e de vida, quantos segredos guarda o silêncio do «Eco da Igreja»...!

Passaram-se os anos com grandes promessas cumpridas. A Obra da Igreja florescia como uma realidade magnífica. Começaram-se a ver seus

frutos primeiros, e os que os contemplavam ficaram admirados. Proclamava a riqueza da Igreja, e começou-se a escutá-la. Pela mão potente do Senhor abriu-se-lhe caminho, e se fez, para ela, seu lugar na Igreja.

E quando tudo apontava para horizontes abertos, para dias luminosos, para esperanças afortunadas, chegou para a Mãe Trindade a hora de semear-se no sulco, como o grão de trigo, e «morrer».

Uma dura e longa enfermidade abateu-se sobre ela. Deixou-a prostrada e impossibilitou-a até de a receber os maços de flores ou as braçadas de espigas que, através da sua Obra da Igreja, ofereciam-se-lhe, para que ela os levantasse como oferenda de primícias gloriosas para Deus.

Ele lhe pede outros frutos, os que dá a cruz. E parece muito comprometido o Senhor em recolher estes frutos contra os esforços dos médicos que pouco podem em sua luta com a enfermidade e sentem-se impotentes diante de algo que se apresentou irreduzível, mesmo diante da intervenção cirúrgica.

Até quando quererá o Senhor manter esta sua vontade...?

Voltam a brilhar tênues luzes de esperança... Mas, viesse o que viesse, creio que a vida da Mãe Trindade seguirá transcorrendo, de uma maneira ou de outra, à sombra da cruz. Essa é também a sua sorte e porção da sua herança.

CRUZ BENDITA

Encontro-te em todas as partes,
porque levo-te dentro,
impressa em minhas entranhas
com beijo do Imenso:

Agonias da alma,
que eu guardo em silêncio...,
falas de Deus, sagradas,
seladas em mistério...

Encontro-te em todas as partes,
pois, se saboreio o Eterno,
a sua petição é forte,
tanto que rompo em dó!

Encontro-te em todas as partes,
meu glorioso troféu,
resposta às minhas entregas,
prêmio de quanto anelo.

Encontro-te em todas as partes,
quando corro a quem espero,
porque, n'Ele, tu me brindas
o prêmio deste solo.

Encontro-te em todas as partes,
enquanto luto no desterro,
sendo-te tu a minha glória
e o triunfo em meu torneio.

Encontro-te em todas as partes,
até que voe ao Céu!
(Núm. 209)

É verdade que Deus está perto; que a Eternidade «*é já*»; que a esperança, mais certa que a morte, eleva a alma e sublima todos os penares do desterro.

DEUS ESTÁ PERTO

Vizinhança de Deus,
apetências de Céu,
alegrias de Glória
em romances de Eterno...

Está perto o Amor,
em meu peito o sinto
em saudades vizinhas...
Está perto quem espero!

(Núm. 112)

Mas também o é que, quando Deus passou «*como exército em miríadas de imponente força*», «*em ímpeto avassalador*», em «*assobio delicado de suavidade silenciosa*» ou «*em profundidade abismal de união trinitá-*



*A Mãe Trindade acolhida paternalmente pelo Santo Padre João Paulo II
numa audiência privada (3 de fevereiro de 1996).*

ria», «fica o coração ferido pelo toque de Iahweh», «a sede de Deus é torturante como os zelos, terrível como a morte, acesa como o fogo...» E a terra se faz duro desterro, deserto abrasador, abismo sem luz...

Quem poderá compreender esta tortura íntima da alma em «*ânsias de amores, suspirando pelo encontro ditosíssimo do Deus vivo*»? «*Enquanto mais tem mais necessita; porque ter é desejar e desejar é ter*».

Um dia mais para ela no desterro, o que é...?

— Duro tormento em saudade que geme esperando o Amor.

UM DIA MAIS...!

Um dia mais
sem ti!,
sem ver-te em tua luz
sem véus...
Um dia mais na minha noite,
vivendo, sem viver,
em espera
que suspira por ti,
em amor...
Que duro é meu tormento
em saudade que espera...!

Um dia mais...,
um dia...!;
um dia mais sem Deus, no sol...!,
em torturas de morte,
em urgências por ver-te,
em espera do fim;
em saudades que pedem
o dia do encontro
em seu eterno festim...

Um dia mais
sem Sol...!
Enfim, «um dia mais
em prova»,

dirão os que não sabem
minha profundez,
ao ver-me suspirar,
sem luz.

Um dia mais, o que é?:
Tortura que me faz esperar
dia a dia
na minha noite,
em saudade amorosa
do dia do Amor
em luz.
Que duro é ao amor
esperar um dia mais...!

Um dia mais, o que é...?
(Núm. 13)

Junto à Sé de Pedro

À Mãe Trindade «só o Senhor a conduziu e a guiou» (Dt 32). Os seus confessores, mesmo os que melhor a entenderam, limitaram-se a constatar a autenticidade desta condução.

Mas, às vezes, o Senhor a levava sem saber ela, naquele momento, os porquês e o término para onde a levava. Assim ocorreu na sua última viagem para Roma.

Movida por Deus, e após uma viagem de muitas vicissitudes, chegou à cidade de Pedro, aos 25 de fevereiro de 1993. Mas ali esperava-a o Senhor para manifestar-se-lhe aos 7 de março no esplendor da sua Divindade, e para dar-lhe novos impulsos de luz e de ação sobrenaturais. Amanhecia um novo dia depois da noite densa de uma longa e terivelmente dolorosa enfermidade em que «*o Eco ficou em silêncio, inundado de palavras*».

Também nos profetas houve tempos de silêncios, que eram como uma maneira distinta de gritar Deus a seu povo, quiçá por não lhe ter escutado no seu momento.

Depois daquela visita de Deus, o Eco da Igreja voltou a ressoar com novo timbre. Antes de tudo compreendeu e manifestou que ela devia fi-

car já «*junto à Sé de Pedro*» para ali viver e morrer. A sua vocação levava-a a isso. Para isso fora para Roma.

Aquele impulso, do ano de 1959, de «*com tudo ao Papa*» ia começar a realizar-se como só Deus sabia.

Já naquele ano, entre os mistérios riquíssimos da Igreja, havia-lhe mostrado Deus o que é Pedro e o lugar que tem no meio do seu Povo santo, e infundira em seu espírito uma profunda união com o Sucessor de Pedro, o Papa, união que tinha que comunicar aos seus filhos e a todos os cristãos, pois:

«57. Só na Igreja, onde está Cristo manifestando-se pelo Papa, dá-se a Verdade em toda a sua verdade ao homem que a busca na voz do supremo Pastor. (7-1-70)

56. A Igreja é um mistério de unidade; e, para que seja uma na unidade de Deus, o Espírito Santo ficou com o Papa e com



Como sempre, a imagem de Nossa Senhora eleva-se diante da fachada da casa de Nossa Senhora da Encarnação em Rocca di Papa (Roma).

os Bispos que, unidos a ele, proclamam a unidade da Igreja em sua verdade, em sua vida e em sua missão. (22-11-68)»

E já em abril de 1959, depois daquela inundação de luzes de Deus, destinadas aos filhos da Igreja, clamava:

«58. [...] Se a tudo o que tenho na minha alma a Igreja dissesse não, por um impossível, eu arrancaria a minha alma, porque antes que alma sou Igreja. (18-4-59)»

Logo depois de chegar em Roma, os médicos descobrem uma nova enfermidade invasora, que faz com que ela esteja em muitos momentos para morrer. A Mãe Trindade mantém invariável seu Sim ao Senhor e, no meio da dor, goza sabendo que a sua cruz dá muita glória a Deus; e esse é o fim supremo da sua vida: dar-lhe glória. Oferecida pela Igreja, a sua dor é muito fecunda.

Mas, no meio de tudo isso, o sopro de Deus empurra-a fortemente, e ela escreve e dita em prosa e em verso, e grava vídeos sob uma ação de Deus que não pode contrariar. Seu corpo vai-se desmoronando, mas seu espírito —como dizia São Paulo— se renova dia a dia, e a sua fertilidade é cada vez maior para a Igreja.

Vê-se palpavelmente cumprida nela a palavra do Senhor: «O poder alcança seu cume na debilidade» (2 Cor 12, 9)

E a Mãe Trindade deixa tudo entregue, em testamento, para A Obra da Igreja para que esta o mantenha e perpetue no seio da Mãe Igreja.

Por fim, aos 3 de fevereiro de 1996, é recebida pelo Santo Padre João Paulo II, em audiência privada, onde pode pôr sua alma, carregada com os presentes de Deus, nas mãos do Sucessor de São Pedro, o qual compreende e abraça esta alma excepcional, que se encontra confortada, acolhida como está pelo Pastor supremo da Igreja.

Em dezembro desse ano, o Papa visitava a Paróquia de Nossa Senhora de Valme em Roma, encomendada À Obra da Igreja. A Mãe Trindade contava com receber a Sagrada Comunhão das suas mãos e ter logo um breve encontro com ele. Mas, inesperadamente, ficou tão doente que teve que acamar-se, oferecendo a Deus o doloroso contratempo como incenso queimado para sua glória.

O Santo Padre, ao sabê-lo, determinou visitá-la, pessoalmente, no seu leito de dor. Abençoou-a e consolou-a com sua mão e seu coração de Pai

e Pastor supremo. A Mãe chorava de emoção, humilde e agradecida. Era o dia 15 de dezembro de 1996. Assim o Senhor mudou a sua dor em gozo. O Papa conhecia a Mãe Trindade, e quis realizar este ato altamente significativo.

«O Eco da Igreja» fora recebido por Pedro e, junto com à sua Sé, descansava, consolada com o gozo do Espírito Santo.

Ficava um desejo acariciado pela Mãe desde muito tempo atrás.

E no ano após àquela visita, aos 20 de dezembro de 1997, o Santo Padre João Paulo II aprovava A Obra da Igreja, elevando-a a direito pontifício, e mantendo-a em sua singularidade, sem enquadrá-la em nenhuma das formas já existentes de vida consagrada. O que Cristo anunciara à Mãe Trindade, quarenta anos antes, o Vigário de Cristo o confirma formalmente. Deus é fiel!

A Igreja disse-lhe «sim». E lho disse aquele que «quando ele abrir, ninguém fechará; quando ele fechar, ninguém abrirá». (Is 22, 22)

IV

A OBRA DA IGREJA

Por força de uma petição

Deus quis que esse manancial de luz e esse vulcão de fogo que Ele fez surgir da mesma Igreja, derrame-se por toda ela iluminando, inflamando e comunicando vida a todos os seus membros. E quis também que se perpetue enquanto durem os tempos, mostrando sempre aos homens o rosto belíssimo da Esposa do Cordeiro e levando-os a saciar-se em suas refrigerantes águas.

Para isso, no ano de 1963, o Senhor impeliu-a poderosamente para que lhe fizesse A Obra da Igreja, com tudo o que, desde 18 de março de 1959, Ele lhe manifestara.

Ela se sentia pobre e pequena. Chorou... Resistiu quando pôde, porque considerava-se instrumento inútil. Mas, «um leão rugiu: quem não temerá? O Senhor Iahweh falou: quem não profetizará?» (Am 3, 8)

E diante da força irresistível de Iahweh, aquela mulher pobre e desvalida, de apenas trinta e quatro anos, lançou-se a procurar uma legião de almas na qual coubessem toda classe de pessoas, desde os meninos até os idosos, desde o sacerdote ao cristão leigo, incluindo os homens e mulheres que consagram suas vidas a Deus, para que, estendendo-se por toda a terra e introduzindo-se em todos os ambientes, dissessem a seus irmãos os homens como é grande ser Igreja.

Portanto, pode pertencer À Obra da Igreja todo aquele que, estando disposto a viver profundamente o seu ser Igreja, queira ajudar o Papa e os Bispos a fazerem a obra essencial da Igreja que Cristo encomendou-lhes, colaborando a reaquecer o dogma riquíssimo da Igreja.

A união com o Papa e os Bispos é algo essencial, irrenunciável, in-crustado nas entranhas mesmas da alma e da vida da Mãe Trindade: «*Não posso viver sem Bispo como não posso viver sem Deus*». Frase sua que nos manifesta até que ponto chega a sua adesão e comunhão vital com os Pastores da Igreja.

Por ocasião do Jubileu dos Bispos do ano 2000, chegou À Obra da Igreja a petição, por parte da Comissão organizadora do Grande Jubileu, de hospedar os Sres. Bispos de passagem por Roma.

A petição tocou umas das fibras mais sensíveis do coração da Mãe Trindade.

Dezenas e dezenas de Bispos, de todas as partes do mundo, foram hóspedes de A Obra da Igreja, que lhes abriu de par em par suas casas, oferecendo-lhes tudo quanto tem para fá-los viver como em seus próprios lares.

A Mãe Trindade teria querido, necessitado, ir pessoalmente recebê-los ou pelo menos saudá-los e pedir-lhes sua bênção. Mas as suas condições de saúde obrigaram-na a renunciar a uma das ilusões e satisfações maiores da sua vida. E, diante desta impotência, sentiu-se impelida a fazer-se presente pelo menos por uma carta, da qual transcrevemos alguns parágrafos nos quais se transparece, de modo cristalino e como em ação o que são para a Mãe Trindade os Bispos da Santa Mãe Igreja, «*seus Bispos queridos*» –são suas palavras–, o amor filial que sente por eles e toda a generosidade da sua *alma-Igreja*, Eco em repetição da sua vida, missão e tragédia, para os que são suas Colunas, sobre as quais o mesmo Cristo quis fundamentá-la:

«Venerados e amadíssimos Senhores Bispos no coração da Virgem Branca da Encarnação:

Neste dia da Santíssima Trindade, tão emotivo e de tanto agradecimento a Deus, por ter na nossa Casa de São Pedro Apóstolo um número significativo dos Sucessores dos Apóstolos; desejo comunicar aos que vieram partilhar estes dias com A Obra da Igreja no nosso lar que estamos cheios de gozo.

Porque A Obra da Igreja é consciente, por um desígnio da vontade divina, do que são os Bispos no seio da Igreja; através da consciência que a sabedoria divina, amorosamente penetrante, infundiu dentro do meu espírito em meus tempos de oração, fazendo-me conhecer o que são os



Fachada da Casa de Apostolado de São Pedro Apóstolo em Roma.

Sucessores dos Apóstolos, como também através de diversas comunicações, simples mas profundas, que minha alma recebeu com relação a “meus Bispos queridos”, como os chamo, desde o tempo do Concílio.

E especialmente desde o dia da Santíssima Trindade do ano de 1968, no qual, ao vir um Sr. Bispo a visitar-nos para presidir uma Concelebração de Votos em A Obra da Igreja; o Senhor fez-me compreender, saborear e viver que quando um Bispo entrava na nossa casa, era o mesmo Jesus quem vinha visitar-me, e, portanto, a visitar-nos todos; e que, como a Ele, tínhamos que amar, venerar, e corresponder, cheios de agradecimento, no tempo que nos fosse concedido o presente de tê-lo entre nós.

Simple e espiritual comunicação que me fez viver todo aquele dia diante daquele Sr. Bispo que, pela primeira vez, visitava nossa casa, cheia de um profundo recolhimento e vendo em seu rosto o rosto de Jesus.

Era um dos meus Bispos queridos, aos que eu tinha que venerar e atender como Marta e Maria faziam-no em Betânia com Jesus!

Coisa que ensino a meus filhos, os quais, cheios de gozo, recebem em sua casa os Sucessores dos Apóstolos.

Portanto, meus Bispos queridos, considerem-se em sua casa, porque é sua; e assim mesmo considerem os membros de A Obra da Igreja como filhos amadíssimos que, em adesão incondicional à Santa Mãe Igreja, agradecem-lhes veementemente que Jesus tenha vindo visitar-nos tão amorosamente em suas pessoas Reverendíssimas.

Obrigada por terem vindo à sua casa! Deus pagar-lhes-á e recompensará eternamente!

E se isso fosse pouco, meus amadíssimos Srs. Bispos, representantes de Jesus na terra, portadores da sua mensagem e testemunhas visíveis da sua presença, no dia 7 de janeiro de 1972, também, quando estávamos inaugurando uma das nossas paróquias, e viera benzer a igreja o Sr. Cardeal da diocese;

estando eu sofrendo durante o Sacrifício Eucarístico da Santa Missa, pela dura prova que meu espírito vem sofrendo desde o ano de 1959, não tendo sido compreendida nem recebida, como Deus queria, com tudo o que, para que o comunique, o Senhor vem manifestando-me desde 18 de março de 1959, com o encargo de ajudar a Santa Mãe Igreja com a descendência que Jesus me pedira para este fim, a qual é A Obra da Igreja, continuadora e perpetuadora da minha missão;

o Senhor, no momento transcendente e sublime da Santa Missa, novamente imprimiu no meu espírito que um Bispo era um dos Doze Apóstolos que em seus Sucessores perpetuavam-se para a consolidação em perpetuação do Povo de Deus, que é a Santa Mãe Igreja;

depositária, como meus Bispos queridos conhecem melhor do que eu, dos tesouros da sabedoria e ciência de Deus, repleta de Santidade e saturada de Divindade, sendo Cristo sua Cabeça, sua glória e sua coroa, que trouxe consigo ao seio desta Santa Mãe o Pai e o Espírito Santo, fazendo-a o santo Templo de Deus e morada do Altíssimo, pelo mistério esplendoroso da Encarnação, operado nas entranhas da Virgem Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja;

onde a Trindade infinita ficou com o homem, e o homem mora com a Trindade, sendo filho de Deus, partícipe da vida divina, e herdeiro da sua glória.

Porque sou e sinto-me mais Igreja que alma, e antes teria que arrancar-me a alma que deixar de ser Igreja católica, apostólica e sob a Sé de Pedro, não posso viver sem Bispo como não posso viver sem Deus.

Também em outro dia gloriosíssimo, o dia 5 de abril de 1959, na profundidade da sabedoria divina, cheia de amor no Espírito Santo, o Senhor fez-me penetrar no que era São Pedro no céu e na terra, com as chaves do Reino dos Céus em suas mãos, para abrir e fechar as portas suntuosas da eternidade, e permitindo o acesso aos eleitos de Deus para entrar em seu Reino.

Pelo que a menor, última, pobrezinha e trêmula das filhas da Igreja, no dia 15 de dezembro de 1996, exclamou com gemidos inenarráveis desde o mais profundo do seu coração, diante da vizinhança do Sucessor de São Pedro, Cabeça visível da Igreja e Pastor universal do Povo de Deus, pelo incalculável e inapreciável presente de que se dignara vir abençoar-me e confortar-me no leito da minha dor:

Obrigada, meu Santíssimo Padre! Obrigada!, mas eu não sou digna de que veio visitar tão paternal e misericordiosamente a mais pobre e última das filhas da Igreja, quando estava doente.

Mas como as misericórdias de Deus não têm fim e enchem todas as esperanças de quem n'Ele confia; o Senhor concedeu-me a graça, que sempre guardarei no mais profundo do meu coração como um dos presentes mais apreciados da minha vida, que meu Santíssimo Padre viesse visitar-me quando a impossibilidade física da minha doença não me permitiu ser eu, na pequenez do meu nada, a que fosse a encontrar-me com o Sucessor de São Pedro, a quem tanto amo e tanto devo com minha Obra da Igreja;

enfermidade que me faz viver numa imolação constante, em renúncia contínua, desde 30 de março de 1959, quando ao contemplar a Igreja que me pedia ajuda coberta com um manto de luto, com as suas entranhas rasgadas pela dor de seus filhos que iam embora do seu seio de Mãe por não conhecê-la bem e, portanto, não amá-la como a Santa Mãe Igreja espera e merece;

ofereci-me a Deus como vítima para glorificá-lo, ajudando a Igreja com quanto, para que o realizasse, Ele manifestou-me e encomendou desde o tempo do Concílio; coisa que já levei à Igreja por indicação de São Pedro, e que tenho depositado por vontade de Deus em A Obra da Igreja, para que ela o realize durante todos os tempos, custodiando-o e proclamando-o por sua vida e sua palavra, com o único fim de dar glória a Deus, ajudar a Igreja e dar vida às almas, junto com o Papa e meus Bispos queridos, ajudando-os a realizar a missão essencial que Deus lhes

encomendou, como a Sucessores dos Apóstolos, no seio da Santa Mãe Igreja.

Pelo que a meu Santíssimo, venerado e amado Pai João Paulo II e a meus Bispos queridos que vieram à nossa casa a fazer-nos presente o mesmo Jesus nos Sucessores dos Apóstolos, toda A Obra da Igreja, presente que Deus quis fazer à sua Igreja num dia de Pentecostes, quando Jesus pediu-a à minha alma, diz-lhes:

“Obrigada, meu Santíssimo Padre, Deus lhe pague!!”

Obrigada, meus Bispos queridos, nós não somos dignos, mas as misericórdias de Deus não têm fim!!

Pelo qual quando perguntaram-nos no Vicariato de Roma que quanto custava o alojamento dos Bispos que vinham à nossa casa, com gozo



Capela da casa de São Pedro Apóstolo, uma das Casas de Apostolado de A Obra da Igreja em Roma.

respondemos que nós não cobrávamos dos Bispos, e que só tínhamos que lhes agradecer porque vieram ao nosso Lar, e agradecer-lho também a Deus, porque Jesus nos Sucessores dos Apóstolos viria visitar-nos.

Sabendo que, se somos fiéis a quanto Deus nos pede, não nos faltará “azeite na jarra nem farinha na vasilha”, como, nos tempos de Elias, à viúva de Sarepta (cf. 1 Re 17, 10-16).

O que fazemos com os Senhores é para ajudar a Igreja, o Papa, e a nossos Bispos queridos, do modo e da maneira que possam necessitar; ou bem lhes agrade passar uns dias num ambiente simples e familiar nas Casas preparadas e dedicadas a nossos fins apostólicos, ou em qualquer dos nossos Lares ou Casas paroquiais, onde sempre temos preparadas alguma ou algumas habitações para os Pastores da Igreja que, em seu passar pelos lugares onde estamos, requeiram a ajuda da nossa hospitalidade ou o calor e apoio da vida familiar das nossas Casas.

Desta maneira, quando os Sucessores dos Apóstolos vêm, lhes acolhemos filialmente, cheios de amor e gozo no Espírito Santo; pois bem sabemos que um dos Apóstolos veio visitar-nos em nome e por parte de Jesus, a quem, pela sua missão episcopal, representam.

Por isso o fazemos de forma desinteressada e gratuita, sem esperar remuneração econômica nem recompensa material, mas a paz e a bênção que Cristo nos veio trazer, recordando as palavras do divino Mestre:

“Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias, e a ninguém saudeis pelo caminho. Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa!’ E se lá houver um filho de paz, a vossa paz repousará sobre ele; senão, voltará a vós”. (Lc 10, 4-6)

Os dons de Deus não têm preço. E o preço é pedir-lhes aos Srs. que nos ajudem a ajudar a Igreja.

Ajudem-me, meus Bispos queridos!, ajudem-me, como Sucessores dos Apóstolos, a poder ajudar a Igreja do modo e da maneira que Deus mo pediu desde o tempo do Concílio com quanto, para que o realizasse, Ele manifestou à minha alma com a petição de:

“Vai e dize-o...!”; “Isto é para todos...!”

Abrigada sob o pastoreio de Suas Paternidades, pede a sua bênção pastoral, com a sua descendência, a menor, mais pobre e desvalida das filhas da Igreja».

O viver íntimo dos membros de A Obra da Igreja

A primeira e mais importante tarefa que a Mãe Trindade pede a seus filhos de A Obra da Igreja é *VIVER*.

«*Viver...!, palavra que oculta um grande mistério de felicidade, alegria e eternidade*» (pág. 445). Porque a vida à qual os membros da Obra são chamados a encher-se em abundância, por ser Igreja, é toda a riqueza que se arremansa no seio desta Santa Mãe. É a mesma vida de Deus que nela comunica-se-nos; é o mistério de Cristo em sua profundidade, altura, largura e longitude incomensuráveis; é a formosura, o brilhantismo, a brancura, a ternura e a grandeza da Virgem, Mãe de Deus e da Igreja.

É aquilo que «nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem nunca entrou no coração humano» e que Deus tem preparado para os que o amam.

Os membros de A Obra da Igreja devem viver para saciar a sede torturante que todo homem tem de felicidade, para preencher sua razão de ser, e encontrar e dar o sentido pleno a isto tão efêmero, limitado e carregado de dor e de morte, que chamamos vida humana.

E devem viver para comunicar vida, para desterrar a morte da perspectiva final, para encher todos de felicidade com a riqueza que para eles Deus depositou no seio da Igreja.

«O cristão que vive seu cristianismo necessita fazer participar os outros da felicidade que ele possui, e tem urgências de chegar a todas as partes, porque a sua caridade pede-lhe para ajudar todos, enchendo-os de vida». (pág. 449)

A tarefa primordial dos membros de A Obra da Igreja é, portanto, viver profunda e ardentemente seu ser de Igreja, de modo que pelo testemunho da sua vida, primeiro, e com a sua palavra, também, apresentem a Igreja como é, refulgente e cheia de vida. Desta maneira, apresentando a face formosa da Igreja, atrairão os homens com força irresistível para esta Santa Mãe, para que se encontrem com Deus e «nunca tenham sede».

Devem cumprir este fim todos os membros da Obra –cada um na sua medida–, porque todos são Igreja e todos participam também da sua vida e missão.

Para que possam realizar o que Deus lhes pede, a Mãe Trindade não lhes exige nem saber, nem poder, nem valer humanos. Mas, antes de tudo, que sejam simples e pequenos como meninos.

Paradoxalmente, esta simplicidade evangélica é a que lhes permitirá viver profundamente seu ser Igreja, reaquecer o dogma e, durante todos os tempos, dar a Teologia, reaquecida no amor, a todos os filhos de Deus; ser manifestação viva diante de todos os homens do que é ser Igreja, colaborar com o Papa e os Bispos durante todos os tempos, para levar a cabo a missão essencial que Cristo lhes encomendou. «E te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado». (Mt 11, 25-26)

E como fazer tudo isso não é obra de homens mas de Deus, têm que aproximar-se de Deus em oração simples e confiante para que, o que



A Mãe Trindade rodeada por um grupo de membros de A Obra da Igreja, no dia 10 de fevereiro de 1996, em peregrinação à tumba de São Pedro.

tudo é, ponha sua riqueza na pobreza deles; sua sabedoria infinita, no não saber; seu poder, na fraqueza; sua grandeza, na pequenez; seu tudo, no nada; sua vida, na morte... Assim, «num tempo de oração junto ao Sacrário, pode-se aprender mais sabedoria, que num curso de teologia na aula de uma universidade; porque na oração se sabem, por ter saboreado, os mistérios de Deus, enquanto no estudo aprendem-se intelectualmente». (1.254)

E «uma comunicação de Deus enche a alma tão sobreabundantemente de sabedoria, que a possibilita, não só para entender o que Deus saborosamente comunicou-lhe, mas também para dar sentido a outros muitos mistérios». (1.256)

Tempos de oração em intimidade com Jesus no sacrário, pede a Mãe Trindade a seus filhos, para que escutem seu segredo, para que o consolem, estejam com Ele, descansem em seu peito e aprendam a ciência do amor.

«299. Deus fala em sua companhia essencial e trinitária, e a Palavra que explica a realidade divina vem aos seus para continuar a sua conversação entre nós durante todos os tempos, e assim colocar-nos no seio da Trindade fazendo-nos confidentes e participantes em sua comunicação eterna. (4-9-64)

1.586. O Dito perfeito do Amor infinito amando-me, é Cristo, morrendo na cruz e perpetuando-se na Eucaristia. (15-9-76)

1.278. Na medida em que descansas no peito de Cristo, fá-lo-ás descansar; por isso, vai, repousa em seu divino lado, porque está fadigado o Amor na necessidade de descobrir-te o seu segredo...! (1-2-64)»

Pede-lhes também amor terno por Nossa Senhora, conhecimento da sua grandeza, apresentando-a dentro do seio da Igreja, no lugar que lhe corresponde como Mãe de Deus e da mesma Igreja, porque, «como quererão os homens manifestar o verdadeiro rosto da Igreja, ocultando e querendo fazer passar despercebido o brilhantismo da grandeza de Maria? Onde encontrará sabedoria divina aquele que não sabe recebê-la na ânfora preciosa onde a Eterna Sabedoria encarnou-se para manifestar-se em esplendores de santidade sob a rompiente infinita da sua explicativa Palavra?» (pág. 293)

E porque no duro caminhar do desterro todos necessitamos do amparo e do consolo maternal de Nossa Senhora:

APARECE A SENHORA

Quando acoçam os problemas da vida,
aparece refulgente, na minha mente, a Senhora,
como luz no meu caminho,
como tocha numa noite aterrorizadora.

E minha ânsia busca n'Ela
as conquistas das glórias do Imenso,
pois é Mãe acolhedora,
que protege com a força poderosa do Eterno.

Confiança são minhas preces,
e em seus zelos palpitantes de carícias maternas
vou deixando quanto tenho,
e descanso descansada com os frutos do seu peito.

É Senhora com imenso poderio,
que, qual Mãe redentora, sendo Virgem,
arrebata os amores do Deus vivo.

Minha conquista está nos braços de Maria,
porque Ela me abriga, quando imploro
em petição de silêncio clamoroso.

Hoje minha alma está aflita
pela ferida palpitante da Igreja;
e olhei para a Senhora,
que me disse com nobreza:

Não te aflijam os projetos que caducam
com os homens deste solo,
teu recurso está na Altura;
com as pregas do meu manto eu o envolvo.

Sou a Mãe que consigo em virginal poderio
quanto quero do Deus vivo,
pois Senhora Ele me fez dos céus,
em seu infinito desígnio.

Confia, não titubeies,
tuas coisas eu as consigo.

(Núm. 167)

Característica essencial de A Obra da Igreja é também a sua profunda união com o Papa e os Bispos; leva-a enraizada na medula mesma do seu ser e do seu viver.

Jesus deu cumprimento à obra que o Pai encomendou-lhe. Ele, depois, mandou perpetuá-la aos Apóstolos e a seus Sucessores, realizando-a diante dos homens durante todos os tempos. Quem poderá, pois, falar de fazer a obra da Igreja, senão colaborando nessa tarefa com os Sucessores dos Apóstolos?

Esta frase da Mãe Trindade: *«Não posso viver sem Bispo como não posso viver sem Deus»*, em sua brevidade e força lapidárias, expressa essa relação fundamental de A Obra da Igreja com o Papa e os Bispos, cunhada nela a fogo pelo espírito da sua Fundadora.

Com efeito, se alguém perguntasse qual é o viver íntimo dos membros de A Obra da Igreja, poder-se-ia responder-lhe, sem titubeios: uma grande simplicidade, um profundo espírito de oração, imenso amor a Jesus na Eucaristia e terno amor por Nossa Senhora, que lhes permite, segundo o plano de Deus sobre eles, apresentar a Igreja na sua formosura, à qual amam com todo o seu ser e pela qual oferecem suas vidas, buscando só a glória de Deus. Numa palavra: *«Ser Igreja e fazer de todos Igreja»*.

Membros de uma mesma Obra

Todas estas exigências, e muitas outras que derivam, naturalmente, da essência mesma do cristianismo, cada membro terá que vivê-las em A Obra da Igreja no modo e com o matiz que lhe pede a sua própria vocação dentro da Igreja.

Pois A Obra da Igreja abarca toda classe de pessoas, encaixando cada uma nos diversos Grupos que a integram.

A Obra da Igreja pretende ser manifestação do que é ser Igreja em toda a sua plenitude. Portanto, da mesma maneira que na Igreja há todo tipo de pessoas, do mesmo modo, compõem A Obra da Igreja toda classe de pessoas: crianças, adolescentes, jovens, adultos, casais, solteiros, viúvos, etc.



Na sua missão de estar sempre junto ao Papa, A Obra da Igreja procurou uma casa muito perto de Castelgandolfo, lugar de descanso do Santo Padre. A foto ilustra uma vista da granja.

Cada grupo tem o seu peculiar modo de viver a sua vocação e são diferentes as exigências de perfeição, segundo o grupo ou grau a que pertençam.

Todos, todavia, vivem o mesmo ideal de A Obra da Igreja de apresentar ao mundo o rosto belíssimo da Igreja, sendo, em sua diversidade de membros, *uma só Obra*, A Obra da Igreja.

Se, de verdade, entregam-se a vivê-lo, através dos meios que a Mãe Trindade, como eco pequeno de Cristo, oferece-lhes, ela, em seu nome, promete-lhes a plenitude dos seus desejos:

PROMESSA DE MÃE

Encontrei quanto busquei
ao longo do desterro,
possuindo aquele que *se É*,
no modo do Eterno.

Almejei-o no meu amanhecer,
sempre olhando para o Céu!,
e deu-se-me em seu saber
com promessas de mistério.

Deus é meu único Bem,
Amador de meus anelos.
E de seu amor me aposseí,
quando Ele se fez meu Dono.

Se eu vos desse a compreender,
filhos que estais no meu seio,
meu viver sempre com Ele
em gozo de entendimento...!



Sua Santidade João Paulo II, no dia 15 de dezembro de 1996, em visita paroquial à Paróquia de Nossa Senhora de Valme em Roma, encomendada À Obra da Igreja.

Ele *se é* Beijo em meu ser,
e em seu beijar eu o beijo,
sem mais dita que ter
sempre ao meu Senhor contente!

Vinde comigo e vereis!,
libertai-vos deste encerro!,
que vos mostrarei, em seu saber,
o Infinito, entre véus.

Sois fruto do meu querer
—entranhável amor vos tenho!—,
descendência que há de ser
quem me prolongue nos tempos.

Eu hoje vos quero prometer
o que se imprimiu em meu peito
quando veio introduzir-me
em sua profundeza o Coeterno:

Que se buscais possuir,
só e com amor sincero,
o Excelso em seu querer,
Ele dar-se-vos-á por inteiro.

Filhos de minhas esperanças,
não vos percais este encontro!

(Núm. 264)

Reflexos do infinito Lar

Para a Mãe Trindade, «Deus é a Família Divina, o Lar de plenitude e felicidade infinita que tem em si sua dita e perfeição em abarcamento coeterno de comunicação trinitária». (11)

E «a Igreja é o grande lar dos filhos de Deus, onde todos sentamos na mesa do Pai para saciar-nos em abundância da vida divina». (736)



*O Santo Padre chega à casa de A Obra da Igreja «São Pedro Apóstolo»,
para visitar a Mãe Trindade.*

À imagem da Igreja, que é família, porque entranha em seu seio a Família Eterna, comunicando-se aos homens, quis plasmar a sua Obra da Igreja.

Todos nela participam de uma mesma vida, com um mesmo espírito e uma mesma missão apostólica, que cada um vive da sua maneira, segundo a sua vocação, dentro da mesma Obra.

Este selo de família, que leva impresso em si A Obra da Igreja, concretiza-se e faz-se patente com mais força na vida dos três Ramos de «Responsáveis».

Os sacerdotes e os homens leigos vivem juntos em «Lares», completamente independentes daqueles do Ramo feminino.

A vida familiar que levam os membros Responsáveis nos «Lares» de A Obra da Igreja dá a estes um aspecto original, novo e atraente, ao mesmo tempo que faz felizes os seus moradores.



A Mãe Trinidad recebe emocionada a bênção do Santo Padre João Paulo II, que quis visitá-la quando estava doente no seu quarto (15 de dezembro de 1996).

Vivem os Responsáveis em grupos de 7 a 12 pessoas. Como numa família, convivem, unidos, adultos, pessoas em sua plena maturidade, jovens e muito jovens.

Cada um tem seu lugar na família e seu peso específico dentro dela. Seu trabalho apostólico é insubstituível; desde o do Aspirante que acaba de entrar, com a ilusão dos seus 17 anos, e trabalha com os meninos nos grupos de catequese, até o sacerdote idoso com a sua experiência, a sua bondade e o exemplo de uma vida gastada a serviço da Igreja e da Obra.

No Ramo feminino, os membros alternam, com gozo e simplicidade, os trabalhos da casa, e a atividade apostólica com toda classe de pessoas e categorias sociais; os trabalhos simples e monótonos, com os de mais grave responsabilidade nas paróquias ou outros lugares.

Dentro do Ramo leigo masculino, a diversificação de responsabilidades jamais será barreira que possa dificultar a convivência de simples igualdade e familiaridade entre o engenheiro e o estudante, o professor e o simples trabalhador manual.

Os sacerdotes encontrarão, na convivência com os homens leigos, uma chamada constante a saberem escutar e aprender dos que estão em contato com o mundo, e um convite a levar adiante as próprias responsabilidades, deixando que todos desenvolvam ao máximo seus talentos e seu desejo de servir a Igreja. Ao mesmo tempo, à luz da doutrina da Mãe Trindade, poderão descobrir a profundidade sem limites do mistério do sacerdócio e o campo imenso de sua atuação apostólica.

A convivência e colaboração mútua ajudarão todos a buscar, com sinceridade e esquecimento de si mesmos, a realização plena da própria vocação.

O amor de Deus é um laço mais forte do que os vínculos da carne e do sangue, e, quando se difunde nos corações dos homens, faz com que gozem mutuamente dos frutos que o Apóstolo atribui à caridade, que é «paciente, é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta». (1 Cor 13, 4-7)

Repetidas vezes a Mãe Trindade pediu a seus filhos que lessem e meditassem este trecho de São Paulo, para que não esqueçam que o amor



Audiência de Sua Santidade João Paulo II com A Obra da Igreja, no dia 7 de março de 1998, em agradecimento pela aprovação pontifícia.

de Deus é também o que deve fazer superar com gozo as deficiências humanas e o que endereça e eleva as torceduras de nossa fraca natureza.

Assim, disseminados por arraiais e cidades, em pequenos grupos de pessoas, ocupando um apartamento qualquer, em qualquer edifício de tal ou qual bairro, vivem alegres os membros Responsáveis de A Obra da Igreja. E da paz, do silêncio, da alegria e intimidade familiar dos seus «Lares», saem cada manhã homens e mulheres para seus lugares de trabalho, para cumprirem seu papel de leigos no mundo, e irradiarem, entre seus companheiros de oficina ou de Universidade, a plenitude que vivem em seu coração.

É tão forte este sentido de vida de família, entre os Responsáveis, que condiciona e configura até a organização econômica de A Obra da Igreja, a qual procura fazer com que todos os seus membros tenham satisfeitas, com igualdade, as suas necessidades, vivam a pobreza de modo uniforme e não existam diferenças neste ponto entre umas casas e outras.

E, ainda mais, até o estilo externo, a decoração, a arquitetura das Casas da Obra vai encaminhada *«para criar um ambiente de lar e de família entre os membros que vivem nelas»*.

E essa mesma realidade se faz também extensiva às Casas dedicadas ao apostolado, «para que todos os que virão a fazer “O Plano de Deus na Igreja”, “Dias de retiro sobre o Mistério de Deus na Igreja”, “Vivências de Igreja”, retiros, etc., encontrem nelas um ambiente de lar, de alegria e bem-estar».

Também os Aderidos e Militantes, em seu viver em relação à Obra, participam dessa realidade de «família» que a configura.

Nela integram-se, com suas características particulares, trazendo a sua peculiar riqueza e colaboração; e com os três Ramos de Responsáveis formam um todo harmônico e articulado.

Os Militantes, dentro do seu Grupo, expressam, de modo atraente, a irmandade evangélica entre pessoas distintas e gente simples, ricos e pobres, letrados e menos instruídos. Igualdade que se baseia no fundamento superior a toda diferença: a dignidade de serem todos filhos de Deus e membros uns dos outros dentro do Corpo Místico de Cristo.

Os mais favorecidos pela vida sabem «que a cena deste mundo passa» e não lhes fica nada mais que ser pequenos para que lhes sejam comunicados os mistérios do Reino. Os mais humildes compreendem que, precisamente nisso, têm uma grande riqueza, pois não têm que deixar, nem tirar, nem se destacar de tantas coisas para encontrar Deus.

Dá-se assim o admirável espetáculo de ver irmanados, nas reuniões de formação, nas festas da Obra, no contato familiar ou na atividade apostólica, a senhora de cultura e a esposa de um pedreiro, o professor de universidade e um chofer de ônibus, um juiz do Tribunal Supremo ou um jardineiro da Prefeitura.

E organizam-se entre si, para ajudar-se também em suas necessidades espirituais e materiais.

Quem se aproxima de A Obra da Igreja, sente-se atraído pela sua simplicidade e abertura, por seu ambiente acolhedor e pelo seu «não sei que» indefinido, que se difunde como «o bom perfume de Cristo».

Existe também um grupo de Colaboradores Simpatizantes de toda nação e lugar onde A Obra da Igreja vai chegando, para derramar sobre

os homens o afluente de vida divina que Deus pôs no arsenal riquíssimo da variedade de escritos e palestras da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia.

Os Colaboradores Simpatizantes não pertencem intrinsecamente À Obra da Igreja, mas procuram viver da sua riqueza eclesial, para o seu enriquecimento e comunicá-lo sendo testemunhas com a vida e pela palavra do que é ser Igreja, dentro da vocação peculiar de cada um; colaborando com A Obra na missão que o Senhor encomendou-lhe em toda a amplitude da palavra, através da sua manifestação em sabedoria amorosa do mistério de Deus, de Cristo e de Maria, arremansados no seio da Santa Mãe Igreja, para apresentá-la como é, repleta e saturada de Divindade, de modo que, ao olhá-la, os homens vejam, nela, o Rosto de Deus.



O Cardeal Arcebispo de Madri, Dom Rouco Varela, preside a Concelebração eucarística num encontro com A Obra da Igreja (30 de março de 1998).

E para isto nutrem-se dos escritos e palestras da Mãe Trindade, com o fim de colaborar, com a sua vida e pela sua palavra, à apresentação do verdadeiro Rosto da Igreja; ajudando, unidos com os membros de A Obra, o Papa e os Bispos à realização da missão essencial que Cristo encomendou-lhes.

A Obra da Igreja, por sua parte, como membros que a ela pertencem de uma maneira ou de outra, irá fazendo-lhes, dentro das suas possibilidades, participar da riqueza espiritual que possui, ajudando-os com quanto, para isso, Deus doou-lhe e encomendou-lhe; fazendo-se o mais vizinha possível a todos e, especialmente, aos mais afastados dos seus Centros.

Colaboradores Simpatizantes podem ser todo tipo de pessoas: senhores Bispos, Sacerdotes, Religiosos, Religiosas, membros de Institutos Seculares, Movimentos apostólicos, Associações piedosas, etc., como também casais, homens, mulheres e jovens leigos; que, dentro do Povo de Deus, sempre abrigados sob a Sé de Pedro, queiram viver o seu cristianismo e manifestá-lo na sabedoria amorosa com que A Obra da Igreja o realiza, para o cumprimento da vontade de Deus em qualquer lugar ou estado em que se encontrem. Procurando, dentro do carisma da vocação de cada um, ajudar eficazmente A Obra da Igreja na realização da missão eclesial que, por desígnio infinito de Deus, foi-lhe outorgada.

E assim cada um, dentro de A Obra da Igreja, sente-se feliz no seu lugar, porque sabe que «a perfeição do cristão não está em ocupar um lugar ou outro na sociedade, mas em viver contente ali onde o ponha a vontade divina». (1.975)

Fruto dessa vontade de Deus cumprida, é a paz que só o Espírito Santo pode dar:

A MINHA PAZ

É a paz como brisa do mar
num dia tranqüilo,
no ecoar das suas ondas serenas
que vêm e vão
sem deixar transparecer a sua tarefa,
porque estão sossegadas
em seu ser e em seu atuar,
segundo são.

É a paz algo profundo, secreto,
que se encerra na profundidade do peito
e se vive em mistério
de quedo silencio.
E, em sua brisa de ir e vir,
seus sabores impregnam de gozo,
em seu ser e em seu atuar,
como doce alimento.

É a paz um viver
de tão tênues acentos,
que, em sabores divinos e eternos,
sente-se Aquele que é, sem sabê-lo.

É a paz um porquê tão seguro,
que deixa, em seu centro, repleto,
quem vive continuamente
e está cimentado
no gosto sabido
que circunda o Imenso.

Quem vive de Deus,
buscando só contentá-lo,
sem querer outra coisa que isso,
ele encontra o segredo
que encerra a paz
em seu ser e em seu atuar,
que é Deus mesmo,
vivendo em seu centro.
Pois a paz é saber-se saber
o que tem que ser
e tê-lo tido,
e, ainda mais, possuído muito dentro.

É a paz como o mar
com suas ondas tranqüilas
nos dias serenos,
que, ainda que vêm e vão,
nada perturba o sossego
da doce missão
que lhe puseram.

É como brisa calada
a paz no meu peito,
em rumores de Glória
e em silêncio de Céu,
em doçuras sublimes,
como um beijo infinito
de Deus em meu centro.

É Deus mesmo a Paz
misteriosa, divina e secreta,
que impregna meu ser com seu alento;
é Deus mesmo que beija minha alma
com a brisa calada
do vulcão que o tem encerrado
na sua ocultação.

É Deus mesmo,
que, sendo doçura infinita,
me acalenta com o suave fulgor do seu vôo.

É Deus mesmo
a doçura de paz infinita
que sinto!

(Núm. 162)

Unidos numa mesma missão

A atividade apostólica de A Obra da Igreja é muito ampla, variada e intensa.

Para fazê-la conhecer de uma forma sucinta, nada me pareceu melhor que compilar aqui alguns parágrafos da última parte do tema «A Igreja, mistério de unidade», escrita pela Mãe Trindade aos 22 de novembro de 1968:

«A Obra da Igreja... vem para todos e para pôr em dia, no calor da infinita Sabedoria, a apresentação cálida e viva do nosso dogma riquíssimo. Vem para dar a teologia quentinha, escaldada no amor, mostrando o rosto cintilante de Deus, que se manifesta na face esplendorosa do Cristo Grande de todos os tempos.

A missão de A Obra da Igreja é totalmente apostólica... Coletivamente quer ser uma manifestação perene do mistério da Igreja e, através de seus membros, testemunho vivo de um profundo cristianismo em todos os lugares onde estes exercem sua profissão.

Conduz as paróquias que lhe estão encomendadas; organiza nas suas Casas de Apostolado “O Plano de Deus na Igreja” para sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos de toda classe e condição; dá “Vivências de Igreja” em comunidades religiosas, seminários, colégios etc.; vai a outras paróquias para dar nelas “Semanas de Igreja”; trabalha com as crianças e os jovens durante todo o ano nos “Lares juvenis” de seus centros apostólicos ou das paróquias; organiza para eles reuniões de formação semanal, “Dias de orientação Juvenil”, passeios no campo ou excursões nas montanhas durante o curso, acampamentos de verão; e, para toda classe de pessoas, palestras, convivências, reuniões, dias de retiro...

Os membros de A obra da Igreja, nos diversos campos e tarefas apostólicas, fazem um trabalho de conjunto, trabalhando unidos sacerdotes e leigos, ainda que cada um o faça com os de seu sexo, idade e estado, atendendo os sacerdotes as necessidades espirituais de cada um.

Em nossas paróquias procuramos formar todos espiritualmente, de forma que tomem consciência do seu cristianismo e exerçam a caridade com Deus e com o próximo, procurando resolver todos os problemas espirituais e materiais dos paroquianos. Os sacerdotes cumprem a sua missão apostólica de ajudar todos a se formarem; e os homens e as mulheres leigos participam desta tarefa, mas inserindo-se como mais um leigo em sua missão com relação a Deus e ao mundo; com efeito, não só em suas horas de trabalho exercem ali o seu apostolado individual e indireto, mas também dedicam ao apostolado direto o tempo livre que lhes deixa a oração e o trabalho.

O nosso espírito, portanto, é o espírito da Igreja, a nossa vida, a sua; a nossa missão específica, ajudar o Papa e os Bispos a descobrirem, desentranharem e manifestarem as riquezas desta Santa Mãe».

Somente para indicar o que são, por exemplo, os dias de «O Plano de Deus na Igreja», ocuparia aqui um amplo capítulo; como trabalham

os jovens da Obra com crianças, jovens e adolescentes; como organizam um acampamento; que espírito levam às excursões e passeios ou o fruto que recolhem em alguns «Dias de orientação juvenil».

Seria magnífico ver como os leigos atuam nas «Vivências de Igreja», como dão eles, junto com os sacerdotes, as «Palestras sobre o mistério da Igreja» e como intervêm em «O Plano de Deus na Igreja».

E resultaria tremendamente sugestivo narrar o apostolado que são capazes de desenvolver leigos e sacerdotes, trabalhando em equipe nas paróquias confiadas À Obra da Igreja.

O dia no qual se descobrirá, surpreenderá ver como, de maneira despercebida e simples, o Senhor realiza o que tão complicado, difícil e, às vezes, impossível, resulta aos esforços dos homens.



Casa dedicada às atividades apostólicas com jovens e crianças junto aos montes de "El Escorial" (Madri).

A atração de uma chamada

A canção de Igreja da Mãe Trindade, pela força da sua atração, se faz uma *chamada* e uma *solicitação*.

Chamada a todas as almas para que venham a encher-se de vida no Manancial da Igreja:

«Que venha ao seio de minha Mãe Igreja quem queira saber de Divindade, quem necessite mergulhar-se no segredo da alma de Cristo, quem busque saborear minha Mãe Imaculada... Todo aquele que deseje e queira viver, que venha, que venha!, que no seio da Igreja Mãe, ânfora preciosa e repleta de divindade, encerra-se todo o segredo escondido antes de todos os séculos». (Pág. 25)

E *solicitação* a corações generosos e a espíritos entregados que queiram ser tochas que iluminem, mostrando o verdadeiro rosto da Igreja aos homens, e cântaros que ofereçam de beber da inesgotável riqueza que nela se arremansa.

«1.956. Necessito receber a água viva do seio da Trindade e deixar correr seus mananciais por aqueles canais que o Senhor me abre; e quando, pelo que seja, não o posso realizar, sinto-me oprimir pelas comportas do silêncio; isso, às vezes, se faz tão carregado de penas para mim, que experimento como se estivesse por morrer em opressões pelas torturas que produzem na minha alma o conter o ímpeto da força do alto. (8-1-77)

2.056. O Amor geme dentro de mim “com gemidos que são inenarráveis”: Dá-me filhos para dar-lhes meu *contento* eterno. (4-9-61)»

Milhares de cântaros e milhões de tochas necessitaria a Mãe Trindade para que a ajudassem a levar até os confins do mundo a vida e a luz que contempla retidas no seio da Igreja!

«“Obra da Igreja”, procura por todos os meios que os filhos de Deus vivam sua filiação divina. Mostra-lhes, como possas, os grandes mistérios que em sua alma se encerram, e corre onde os homens te chamem, para fazer filhos de Deus os que todavia não o são.

Trabalha para que os cristãos vivam seu cristianismo em abundância, na incorporação felicíssima ao Corpo Místico, onde



A Mãe Trinidad em 1998.

todos os crentes comunicam-se os bens de seu Pai Deus para santificação, perdão, recuperação e santidade de todos os membros da comunidade cristã.

Busca almas que entrem nesta grande Família, para que, com todas as almas do mundo, todas as criaturas criadas com capacidade de viver de Deus, faça-se um só Rebanho e um só Pastor, com sua entrada na grande comunidade dos crentes». (Págs. 37-38)

A essa legião de almas decididas e entusiastas que, em desfile multicolor de idades, estados diversos, formas distintas de vida, profissões e classes sociais de toda índole, vão chegando À Obra da Igreja, para formar parte da descendência espiritual da Mãe Trindade, ela lhes entrega o tesouro que Deus pôs na sua alma destinado à Igreja, para que se repletem e dêem dessa plenitude, vivam e façam viver «*o mistério profundo e eterno da Igreja...*»

Escola de formação permanente

Falamos das quase 1000 palestras da Mãe Trindade, recolhidas em fita magnética ou em vídeo, e seus numerosos escritos, que hoje ocupam uns trinta amplos volumes. Neles, de maneira profunda, ampla, matizada e viva expõem-se as verdades do dogma e da vida cristã. Tudo isso, que é um tesouro de luz e vida para a Igreja, é a fonte onde bebem os membros de A Obra e de onde haurem para dar em abundância aos demais.

São precisamente eles quem Deus colocou ao lado da Mãe Trindade para ajudá-la a cumprir sua missão de «cantar as maravilhas do Senhor nas portas da Filha de Sião» (Sl 72, 28). Mas é preciso que sejam instrumentos vivos, que dêem o que saibam, por ter saboreado. Porque «*Deus é a vida e só quem o vive o sabe saber e comunicar...*» (n. 1.743). Se devem dar, devem viver; se devem comunicar, devem estar cheios. E é precisamente o contato com a riqueza da Igreja, através da doutrina e da vivência da Mãe Trindade, mantido dia-a-dia, o que os vai capacitando para descobrir essa mesma riqueza, desentranhá-la e manifestá-la.

Neste ambiente de múltiplas e como conaturais relações –contato com Deus, intimidade familiar, conhecimento progressivo e vital da riqueza da Igreja, integração no ambiente que lhes rodeia e trabalho apostólico– desenvolvem-se e forjam-se as vocações ao sacerdócio, ou à vida consagrada nos jovens de um ou de outro sexo, dentro de A Obra da Igreja.

O dia em que alguém entra no grupo de Responsáveis, vai para qualquer um dos Centros para viver com todos, formar-se com todos e tra-

balhar com todos. Ali terá, desde o primeiro dia, seu lugar na família e sua responsabilidade. As suas contribuições e as suas dificuldades repercutirão na vida do lar, e saberá que, nele, a sua presença se fará sentir desde o primeiro momento.

Os jovens que, antes de entrar, estudavam ou trabalhavam, seguirão trabalhando ou estudando como os jovens da sua idade, para que sua vida desenvolva-se num contato normal com o mundo.

E os membros do Ramo leigo masculino nos quais se vejam tendências e atitudes para o sacerdócio, viverão como os outros jovens leigos de A Obra..., assistindo as aulas em Seminários e Universidades da Igreja, mas vivendo nas Casas de A Obra, onde seguirão recebendo sua formação espiritual segundo a sua específica vocação.



A Mãe Trinidad fotografada espontaneamente no jardim da Casa de Rocca di Papa despenteada pelo vento. (10 de junho de 2001)



Neste mesmo dia enquanto saúda um grupo dos seus filhos espirituais vindos em peregrinação desde a Espanha e a Itália para celebrar a festa da Santíssima Trindade junto com ela.

Deste modo, ao longo de toda a vida, os membros de A Obra da Igreja não cessam de aprofundar no conhecimento e na experiência dos mistérios do cristianismo, para transmiti-los por sua vez aos outros, em luz, vida e amor.

Peregrina rumo à Casa do Pai

Como «a Igreja vai peregrinando entre as perseguições do mundo e dos consolos de Deus» (Conc. Vat. II, L.G. 8), assim caminha para a Pátria a Mãe Trindade com sua Obra. Vive na terra e na terra trabalha pela glória de Deus e a extensão do seu Reino. Mas, a sua pátria não é esta; por isso, peregrina sobre a terra com saudades torturantes da Eternidade.

São luminosos e ardentes como brasas estes pensamentos, por citar alguns, que esclarecem a sua condição essencial de peregrina, a mesma que a Igreja vive na terra:

«2.144. Vivo no céu sem ser habitante dali, e habito na terra sem viver nela. (1-3-61)

2.170. Minha sede de Deus é torturante como os zelos, terrível como a morte, acesa como o fogo... Por isso, Amor, quando virás a mim? (27-4-67)

2.181. Em saudades se abrasam as cavernas profundas do meu coração. Tenho fome de Deus, constantemente, com a apêntia do sedento que se resseca em ânsias pelos refrigerantes mananciais. (9-12-72)

1.796. Busco a luz do Sol eterno, o calor das suas brasas, o fulgor dos seus fogos, as chamas chamejantes dos seus candentes vulcões; e busco, ao mesmo tempo, o frescor da sua brisa, o refrigerio das suas fontes, a saciedade dos seus mananciais, o alimento dos seus frutos e o contato do seu amor. (6-3-73)

2.209. Amanhã, não mais! com Deus para sempre... Que doce encontro...! E «ali», olhando-o em sua Vista, cantando-lhe em sua Boca e amando-o em seu Fogo... Acabou-se o tempo e chegou o fim, começou a eternidade...! Face a face com Deus, adorando o Ser em seu ser e em suas pessoas, por ser quem é e como o é; num ato de amor puro que se goza no gozo essencial de Deus, para sempre...! E isso será amanhã! (9-7-75)»

E esta «décima» é também a expressão poética da sua vida peregrina.

PEREGRINA EM TERRA ESTRANHA

Peregrina em terra estranha
vou pela vida sofrendo,
a todos vou sorrindo
com a tristeza na alma.

Meu país não é o desterro,
só em Deus meu ser descansa,
e em sua espera noite e dia
arquejante está minh'alma,
penando por encontrar-me
já para sempre em minha Casa.

(Núm. 4)

EPÍLOGO

Levados, como pela mão, pelos livros da Mãe Trindade, aproximamo-nos um pouquinho mais ao centro de onde flui a riqueza e a transcendência da personalidade espiritual da Fundadora de A Obra da Igreja.

No meu contato com ela, ouvi-a acenar, referir em uma ou outra ocasião, que o santo ao qual mais quer – Nossa Senhora, naturalmente, não entra nesta conta, porque está acima de todos – é São Pedro. Todavia, com os sentimentos e as vivências que São Paulo expressa em suas cartas, é com os que mais identificada se sente. Os profetas do Antigo Testamento – Jeremias, Isaías, Amós, Ezequiel – oferecem-lhe as palavras e as imagens mais adequadas para expressar os impulsos, as petições, os fogos de Deus requeimando a sua alma em urgências de manifestá-lo, e a rudeza de seu choque com as criaturas quando vai para cantar-lhes a sua canção de Igreja. Abraão, Moisés, os Apóstolos, são as figuras que mais atraem e satisfazem suas ânsias de universalidade.

Original mistura de profeta, de doutor, de apóstolo, de mãe, de fundadora e condutora de um povo numeroso para ajudar «Pedro» e os Sucessores dos Apóstolos, é o que fez Deus desta mulher pequena como uma menina e que encontra sua riqueza *«em não ter nenhuma riqueza humana..., em não ser, em não poder, em não saber, em não servir, em ser pequena, pobre e desvalida»* para que o Tudo possa encher o abismo do seu nada.

E também sabe da morte silenciosa, profunda e total que Deus pede aos que semeia no sulco da vida para que dêem fruto. Por isso, a sua «descendência» a perpetuará.

NOTA

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia

